

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS – PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Halyne Maria Stefani do Porto

**UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL
DO REVISOR DE TEXTOS**

Santa Maria, RS
2016

Halyne Maria Stefani do Porto

**UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DO
REVISOR DE TEXTOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Francieli Matzenbacher Pinton

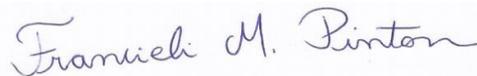
Santa Maria, RS
2016

Halyne Maria Stefani do Porto

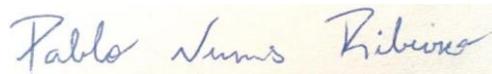
**UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DO
REVISOR DE TEXTOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Letras**.

Aprovado em 05 de dezembro de 2016:



Francieli Matzenbacher Pinton, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Pablo Nunes Ribeiro, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2016

RESUMO

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PAPEL SOCIAL DO REVISOR DE TEXTOS

AUTORA: Halyne Maria Stefani do Porto
ORIENTADORA: Francieli Matzenbacher Pinton

O presente trabalho investiga a construção do papel social do revisor de textos, tendo como objetivo verificar os possíveis fatores que contribuem para que a atividade do revisor de textos não receba o devido reconhecimento e prestígio social. Para isso, foram adotados dois aportes teóricos: a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2008), que permite a desconstrução do senso comum sobre a atividade de revisão de textos, e a Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente o Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), que nos fornece ferramentas para analisarmos e interpretamos os dados linguísticos. O *corpus* de análise é composto por dois tipos de material. Primeiramente, selecionamos materiais que versam sobre a atividade de revisão de textos tendo como critério a sua relevância para a área, o que nos levou a selecionar o *Manual do Revisor* (2000), *Além da revisão* (2013) e *Um olhar dialógico sobre a revisão de textos* (2007). Posteriormente, foi aplicado um questionário semiestruturado a 7 sujeitos participantes de pesquisa, os quais deveriam ser revisores em serviço ou revisores em formação. Em relação aos materiais sobre revisão, os resultados apontam a predominância de um discurso normativo, evidenciado nos manuais analisados. Em relação aos revisores em serviço, há a recorrência de uma perspectiva interativa e uma avaliação positiva da profissão. Em relação aos revisores em formação, há predominância de uma perspectiva normativa, conforme já constatado nos manuais, e uma avaliação negativa da profissão. O cruzamento dos dados nos forneceu subsídios para a realização de uma análise crítica do discurso, e o resultado desse cruzamento levou à constatação de que o discurso dominante nos materiais são reproduzidos pela maioria dos sujeitos participantes. Por fim, chegamos à identificação das identidades dos sujeitos envolvidos na prática: a) identidade legitimadora, referente aos materiais sobre revisão; b) identidade de resistência, referente aos sujeitos participantes da pesquisa; e c) identidade de projeto, referente a esta pesquisa em si.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Papel social. Revisor de textos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Áreas de atuação de um egresso do curso de Bacharelado em Letras – Português ..	8
Figura 2 – Representação do modelo tridimensional de Fairclough	12
Figura 3 – Uma visão geral do Sistema de Avaliatividade.....	16
Figura 4 – Subsistema de Atitude.....	17
Figura 5 – Subsistema de Engajamento.....	18
Figura 6 – Exemplo de erro de revisão.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de materiais sobre revisão de textos analisados e seleção de capítulos ...	20
Quadro 2 – Fala x Escrita	30
Quadro 3 – Sistematização da análise dos materiais sobre revisão	36
Quadro 4 – Sistematização das perspectivas acerca da atividade do revisor de textos	43
Quadro 5 – Sistematização das avaliações dentro do Sistema de Avaliatividade – Atitude	47
Quadro 6 – Panorama geral dos dizeres dos sujeitos participantes	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil dos participantes	40
--	----

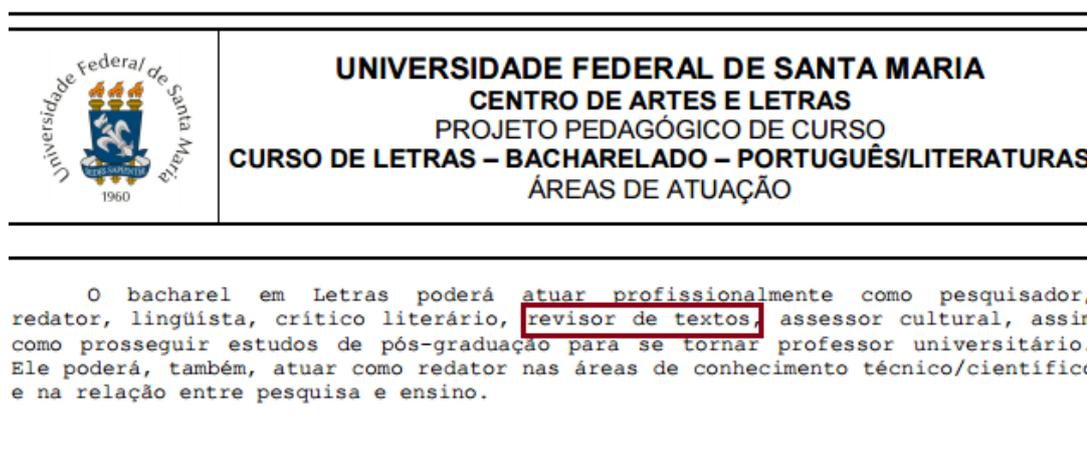
SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REVISÃO DA LITERATURA	10
2.1	ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	10
2.2	O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.....	15
2.2.1	Atitude	16
2.2.2	Engajamento	17
2.2.3	Gradação	18
3	METODOLOGIA	20
3.1	<i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.....	20
3.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	21
4	CONSTRUINDO O DISCURSO: O QUE OS MATERIAIS SOBRE REVISÃO DIZEM A RESPEITO DA REVISÃO DE TEXTOS	22
4.1	<i>MANUAL DO REVISOR</i> (2000) – LUIZ ROBERTO S. S. MALTA	22
4.1.1	Capítulo 1 – “O que é revisão”	23
4.1.2	Capítulo 2 – “Requisitos para ser um bom revisor”	26
4.2	<i>ALÉM DA REVISÃO: CRITÉRIOS PARA REVISÃO TEXTUAL</i> (2013) – ARISTIDES COELHO NETO	27
4.2.1	Capítulo 3 – “Conceito de revisão”	28
4.2.2	Capítulo 4 – “Parâmetros do revisor”	29
4.3	<i>UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE A REVISÃO DE TEXTOS: ENTRELACANDO DIZERES E FAZERES</i> (2007) – RISOLEIDE ROSA FREIRE DE OLIVEIRA	31
4.3.1	Capítulo 3 – “O trabalho concreto do revisor de textos: o ponto de vista dos profissionais”.....	32
4.3.2	Capítulo 4 – “A atividade de revisão: fazeres, práticas, ações”	33
4.4	ANÁLISE COMPARATIVA DOS MATERIAIS QUE VERSAM SOBRE REVISÃO ..	34
5	NATURALIZANDO O DISCURSO: O QUE OS REVISORES DIZEM SOBRE A REVISÃO DE TEXTOS	39
5.1	“COMO VOCÊ REALIZA A REVISÃO?”.....	40
5.2	“COMO VOCÊ AVALIA AS CONDIÇÕES E O PRESTÍGIO SOCIAL DO SEU TRABALHO?”	44
6	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICE 1 – Questionário	53
	APÊNDICE 2 – Quadro de sistematização da Resposta 3	54
	APÊNDICE 3 – Quadro de sistematização da Resposta 7	55
	APÊNDICE 4 – Questionários com as respostas na íntegra	56
	ANEXO 1 – Aprovação da pesquisa em nome da Plataforma Brasil	66

1 INTRODUÇÃO

É muito recorrente um aluno do curso de Bacharelado em Letras – Português ouvir perguntas como “O que um bacharel em Letras faz?” ou “O que você vai fazer depois de se formar?”, ao que grande parte dos alunos não sabe muito bem o que responder, sendo momentos em que eles refletem “No que estou me formando?”. Não encontrando respostas, muitos alunos abandonam o curso, o que acaba refletindo no alto índice de evasão do curso. Assim, com base em indagações sobre as possibilidades de ação no mercado de trabalho por um bacharel em Letras, constatamos que a atividade de revisão de textos pode ser considerada uma das mais promissoras, constando, inclusive, no perfil do egresso na página oficial do curso:

Figura 1 – Áreas de atuação de um egresso do curso de Bacharelado em Letras – Português



Fonte: Ementa do curso de Bacharelado em Letras – Português¹.

Entretanto, a disciplina dedicada ao ensino de revisão de textos, Produção Textual VIII – Oficina de Revisão de Textos: Originais e Provas, é oferecida apenas no último semestre letivo do curso, momento em que os alunos já estão prestes a entrar no mercado de trabalho.

A partir disso, optamos por tomar a revisão de textos como objeto de estudo para uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) com o projeto *Descrição e análise crítica da atividade do revisor de textos – da correção à interação* (GAP: 039427), a fim de analisar a atividade de revisão de textos e mapear as condições sociais dessa profissão. Ao longo de dois anos de pesquisa sobre o tema², observamos muitos aspectos que foram sendo introduzidos às nossas

¹ Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/prograd/cursos/BACHARELADO%20EM%20LETRAS%20-%20PORTUGUES-LITERATURAS/AREAS%20DE%20ATUACAO.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

² O projeto de IC teve início em 2015 e se estendeu ao ano de 2016.

considerações de pesquisa, como por exemplo, a falta de espaço que o revisor de textos tem no mercado de trabalho, a falta de reconhecimento social do seu trabalho e a sua dificuldade de inserção nesse mercado. Conforme a pesquisa foi avançando, preocupamo-nos em entender o porquê desta falta de espaço e de reconhecimento para o revisor de textos no mercado de trabalho. Assim, com o presente trabalho, buscamos responder: Quais os possíveis fatores que podem contribuir para determinada construção social (desvalorização/desprestígio) que se tem da atividade profissional do revisor de textos?

Para tanto, organizamos o texto em cinco capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, apresentamos os conceitos-chave para a análise, ancorados na Análise Crítica de Discurso (ACD) e na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), mais especificamente no seu Sistema de Avaliatividade. No segundo, descrevemos o universo da pesquisa e os procedimentos empregados para análise dos dados. No quarto e quinto capítulos, descrevemos e analisamos o *corpus* selecionado. No capítulo final, realizamos uma análise crítica dos dados, apontando algumas soluções e lacunas ainda existentes na nossa pesquisa, as quais podem ser preenchidas com a realização de pesquisas futuras.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão apresentados os aportes teóricos que nortearam a análise do nosso *corpus*, assim como permitiram a interpretação dos dados. Dessa forma, em um primeiro momento, será apresentada a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 2008), principalmente no que diz que respeito às questões de ideologia, hegemonia e poder que perpassam a língua e a linguagem. Em seguida, será apresentado o Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), ramo da Linguística Sistêmico-Funcional utilizado neste trabalho como uma ferramenta para a análise do *corpus*.

2.1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um aporte teórico-metodológico desenvolvido para estreitar as relações entre os estudos da linguagem e os estudos sociais nas sociedades contemporâneas. Isso porque, para a ACD, as práticas sociais são constituídas e realizadas por discursos atravessados por ideologias que auxiliam na manutenção de poderes e dominação sociais. Assim, sua abordagem se dá com o objetivo de “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica e social e, especificamente, no estudo da mudança social” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 89). Dessa forma, a ACD se mostra uma eficaz ferramenta de análise das práticas sociais que se realizam por textos e discursos, assim como para a desconstrução desses discursos.

Para realizar esse tipo de análise, é importante esclarecer, primeiramente, o que a ACD entende por discurso. Fairclough (2008) propõe considerar o discurso como “o uso de linguagem como prática social”, o que implica dizer que se configura em “uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (p. 90-91). O autor ainda aborda o fato de a relação entre discurso e estrutura social ser bidirecional, ou seja, “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis” (ibidem, p. 91), assim como o discurso também influencia e pode determinar a formação de estruturas sociais. Dessa forma, a ACD dá ao discurso um caráter de construção de estrutura social, pois o discurso contribui para: a) “construção do que é variavelmente referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’; b) construção das relações sociais entre as pessoas [...]; e c) construção de sistemas de

conhecimento e crença” (ibidem, p. 91, adaptado). A análise conjunta dessas três contribuições construtivas do discurso, em ACD, permite a compreensão de como as relações sociais naturalizadas ratificam e perpetuam determinadas estruturas sociais.

Estar ciente de tais concepções dentro da teoria permite que sejam realizadas desconstruções de discursos dominantes, as quais revelam ideologias que sustentam relações de poder que, de certa forma, são responsáveis pelas relações hegemônicas estabelecidas entre um grupo social e outro. Para tal, é importante a apresentação de três conceitos-chave da ACD: ideologia, hegemonia e poder. No que diz respeito à ideologia, Fairclough (2008) apresenta três asserções basilares para o conceito: a) “ela tem uma natureza material nas práticas das instituições; [...] b) a ideologia ‘interpela os sujeitos’; e c) ‘aparelhos ideológicos do estado’ (instituições tais como a educação e a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe” (p. 116-117, adaptado). A partir disso, o autor apresenta o conceito de ideologia:

Ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e **que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação** (Tal posição é semelhante à de Thompson (1984,1990), de que determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos, isto é, os que servem, em outras circunstâncias específicas, para **estabelecer ou manter relações de dominação**) (FAIRCLOGH, 2008, p. 117, grifos nossos).

Ao falar em hegemonia, Fairclough apresenta uma série de definições, dentre as quais destacamos: “Hegemonia é um foco de constante **luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças de relações de dominação/subordinação**, que assume formas econômicas ou ideológicas” (FAIRCLOGH, 2008, p. 122, grifo nosso). Essa concepção vai ao encontro de que o discurso, em ACD, é constituído por uma relação bidirecional em relação às estruturas sociais e, dessa forma, entende-se que a noção de poder está diretamente relacionada às noções de ideologia e hegemonia: ambas são formas de estabelecimento e manutenção de poder dentro de determinada estrutura social.

Assim, uma das contribuições da ACD é possibilitar que sujeitos de determinados segmentos sociais, com baixa representatividade nos espaços em que circulam, possam lutar pela sua representatividade por meio do discurso, agindo no mundo. Dessa forma, acreditamos que pela análise da prática social do revisor de textos, é possível apontar certos obstáculos para o reconhecimento e prestígio social desse profissional, pois

a vantagem de se focalizar as práticas sociais para a análise é a possibilidade de se perceber não apenas o efeito de eventos individuais, mas de **série de eventos conjuntamente relacionados na sustentação e na transformação de estruturas**, uma vez que a prática social é entendida como um ponto de conexão entre estruturas e eventos (RESENDE e RAMALHO, 2016, p. 41, grifo nosso).

Fairclough ainda aponta o estabelecimento de uma relação direta entre a prática discursiva e a prática social: “**a constituição discursiva da sociedade não emana** de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas **de uma prática social** que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (2008, p. 93, grifos nossos).

Uma vez que ambas as práticas, discursiva e social, estão diretamente relacionadas, e considerando que a linguagem é uma forma de agir socialmente no mundo e que a materialidade linguística é um meio para essa realização discursiva, Fairclough (2008) apresenta uma proposta de metodologia para analisar o discurso de modo linguisticamente orientado, reunindo três tradições analíticas: a tradição de análise textual e linguística, a tradição microssociológica da prática discursiva e a tradição macrossociológica de análise da prática social. Assim, o discurso, para sua análise, é tomado de forma tridimensional, ou seja: o discurso como texto, como prática discursiva e como prática social, sendo a prática social e a prática textual intermediadas pela prática discursiva, o que se encontra explanado na Figura 2:

Figura 2 – Representação do modelo tridimensional de Fairclough



Nesse modelo, a análise da dimensão da prática textual focaliza a descrição de aspectos relevantes do léxico, das opções gramaticais, da coesão ou da estrutura do texto. Conforme Meurer (2005, p. 83), o objetivo da descrição é o oferecimento de uma base textual que fundamente a interpretação e a explicação do discurso. A análise da dimensão da prática discursiva visa à interpretação do texto, focando, para isso, nas questões relativas à sua produção, distribuição e consumo. De acordo com Fairclough (2008, p. 113), a maneira com que uma leitura coerente de um texto é gerada está relacionada aos princípios interpretativos a que se recorre no momento da leitura. Esses princípios estão associados a discursos particulares, já naturalizados, como podemos ver quando se fala sobre a prática social do profissional de revisão de textos. Este profissional não é devidamente reconhecido social e economicamente, sendo, muitas vezes, visto como “uma despesa a mais” para editoras, revistas e jornais (principalmente os de grande circulação), o que culmina na dispensa dos serviços do revisor de textos qualificado, naturalizando, ainda mais, o discurso de que não é uma atividade necessária/importante dentro daquele sistema de atividades. Por fim, a prática social é entendida como a terceira dimensão de análise, sendo vista como a explicação da segunda dimensão – a prática discursiva. O objetivo maior desta análise é especificar a natureza do social, uma vez que a dimensão discursiva é apenas uma parte deste. Dessa forma, a prática social é uma referência para explicar o porquê de a prática discursiva estar constituída desta ou daquela maneira. A análise da prática social nos permite levantar questionamentos como: por que está naturalizado que os serviços do revisor de textos são dispensáveis? Quais são os fatores que contribuem para a ratificação desse discurso nas atividades sociais? A partir disso, levar em consideração de que maneira os textos analisados no presente trabalho representam a profissão do revisor de textos é de suma importância, uma vez que

As maneiras como os atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a ele e suas atividades. Determinados atores, por exemplo, podem ter sua agência ofuscada ou enfatizada em representações, podem ser representados por suas atividades ou enunciados ou, ainda, podem ser referidos de modos que presumem julgamentos acerca do que são ou fazem (RESENDE e RAMALHO, 2016, p. 72).

Sendo assim, a análise da prática social busca explicar como o texto está investido de aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia.

Uma vez que a ACD é uma teoria que se propõe a analisar os discursos, as práticas e as estruturas sociais de forma linguisticamente orientada, e para que seja viável a realização da análise conforme o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2008) – principalmente no

que diz respeito à dimensão da prática textual –, é necessário que o analista crítico do discurso tenha conhecimento de uma teoria de análise linguística preocupada com os usos da língua motivados por determinados contextos sociais. Assim, a ACD toma a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)³ como abordagem de análise linguística, pois se trata de “uma teoria de descrição gramatical [...] que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso” (GOUVEIA, 2009, p. 14). Dessa forma, a linguagem é entendida como “um recurso para fazer e trocar significados, utilizada como meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 10). Assim, podemos afirmar que os usos linguísticos estão envolvidos em um contexto, e os usuários da língua fazem suas escolhas lexicais e gramaticais de acordo com esse contexto e com a sua finalidade no uso da linguagem.

Na LSF, a realização da linguagem se dá em três esferas distintas, embora complementares: são as chamadas metafunções. Elas “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua” (FUZER e CABRAL, 2010, p. 21), perpassando todas as instâncias de realização da linguagem. As metafunções se dividem em três: a ideacional, a interpessoal e a textual. A metafunção ideacional diz respeito à representação das experiências, das vivências e dos eventos que ocorrem no mundo. A metafunção interpessoal, por sua vez, é aquela em que os participantes interagem uns com outros, por meio de escolhas lexicais que os representam no mundo e por meio das quais eles agem sobre o mundo. Por fim, a metafunção textual preocupa-se em estudar como as escolhas lexicais estão estruturadas no texto em si, atentando para recursos expressivos da linguagem, como coesão, padrões de voz e tema, formas dêiticas e continuidade léxico-lógica (FUZER e CABRAL, 2010, p. 22-23).

Dentre as três metafunções apresentadas, nosso foco recaíra sobre a interpessoal, uma vez que ela apresenta os sistemas de Modo e de Modalidade. O sistema de Modo “é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo” (MARTIN, MATTHIESSEN e PAINTER, 1997, p. 58 *apud* FUZER e CABRAL, 2010, p. 111), além de apresentar “diferentes alternativas para a realização da interação, tendo em vista **o papel exercido pelo interactante e a natureza da negociação** que está sendo realizada: as orações podem se

³ Na teoria da ACD, é posto o uso da LSF como uma abordagem de análise, como o próprio Fairclough afirma: “O estudo crítico da linguagem empregaria uma ampla concepção de estudo social no núcleo do estudo da linguagem. Isso também favoreceria certa ênfase em vários ramos do estudo: por exemplo, o estudo da gramática encontraria uma abordagem ‘funcionalista’ (como a linguística sistêmica associada particularmente a Michael Halliday)” (1989, p. 13 – tradução nossa). Ademais, essa conexão teórica também é explanada por Resende e Ramalho: “...a tradição de análise de discurso em que se situa a Teoria Social do Discurso orienta-se linguisticamente pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday” (2006, p. 56).

apresentar no MODO declarativo, no interrogativo e no imperativo” (FUZER e CABRAL, 2010, p. 111, grifo nosso). Já o sistema de Modalidade é um recurso “utilizado para expressar significados relacionados a julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a **como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem um julgamento**” (ibidem, p. 119, grifo nosso).

Seguindo essa linha teórica, escolhemos o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), como um recurso para analisar e interpretar as realizações dos sistemas de Modo e Modalidade. Sendo assim, na próxima seção, será apresentado e detalhado o Sistema de Avaliatividade.

2.2 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

O Sistema de Avaliatividade é uma abordagem de análise que surgiu da LSF e tem como finalidade “apontar a existência de uma grande variedade de recursos que são usados para **negociar a identidade de um grupo** e assim cooperar com a **avaliação e negociação** na realização das relações de sentido” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 34, tradução nossa, grifos nossos)⁴. Dessa forma, com esta ferramenta de análise, o analista crítico do discurso tem um maior respaldo teórico linguístico para interpretar,

descrever e analisar os sistemas de opções semânticas que a linguagem oferece – e que são utilizados pelos falantes e pelos autores de textos – **para avaliar, adotar posições, construir pessoas textuais ou identidades discursivas, assumir papéis, negociar relações e transformar em “naturais” as posturas intersubjetivas que são, em última instância, ideológicas** (KAPLAN, 2004, p. 53, tradução nossa, grifos nossos)⁵.

Sendo assim, já que no presente trabalho temos como finalidade compreender de que forma o senso comum⁶ e o discurso naturalizado sobre a revisão de textos foi construído e é ratificado socialmente, assim como analisar se os sujeitos da pesquisa reproduzem (ou não) o

⁴ “Our intention is simply to flag the existence of a wide array of resources that are used to negotiate group identity and so co-operate with appraisal and negotiation in the realisation of tenor relation” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 34).

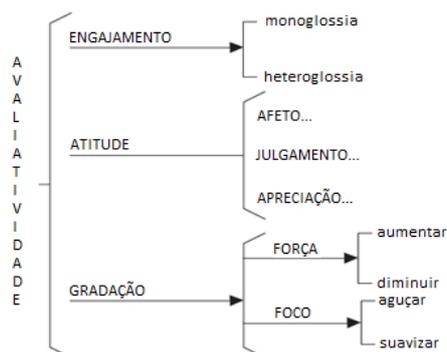
⁵ “[...] describir y explicar los sistemas de opciones semánticas que el lenguaje ofrece – y que son utilizados por los hablantes y autores de textos – para evaluar, adoptar posiciones, construir personas textuales o identidades discursivas, asumir roles, negociar relaciones, y transformar en “naturales” las posturas intersubjetivas que son, en última instancia, ideológicas” (KAPLAN, 2004, p. 53).

⁶ Para “senso comum”, adotamos a proposta de Fairclough: o autor postula que o senso comum está no campo de assuntos que “estão implícitos de acordo com pessoas que interagem linguisticamente, e do que as pessoas geralmente não estão conscientemente cientes” (1989, p. 2 – tradução nossa), razão pela qual continuam reproduzindo e perpetuando alguns posicionamentos sem criticidade em suas práticas discursivas.

senso comum, como eles se veem/se constroem enquanto revisores, o emprego do Sistema de Avaliatividade se faz pertinente para analisarmos os dados do nosso *corpus*⁷.

Na Figura 3, apresentamos um esquema geral do Sistema de Avaliatividade, a fim de melhor compreensão da organização dos seus conceitos e da sua subdivisão em Atitude, Engajamento e Gradação:

Figura 3 – Uma visão geral do Sistema de Avaliatividade



Fonte: (MARTIN e WHITE, 2005, p. 38, tradução nossa).

A partir dessa figura, nas subseções seguintes, detalharemos cada uma das categorias do Sistema de Avaliatividade.

2.2.1 Atitude

O subsistema de Atitude é voltado para a análise da construção da dimensão das emoções no significado dos textos. Ele se divide em outras três categorias: o Afeto, o Julgamento e a Apreciação. O Afeto diz respeito aos registros de sentimentos positivos (“O capitão estava feliz”) ou negativos (“O capitão estava triste”), os quais são motivados por realidades paralinguísticas e extralinguísticas que influenciam o modo de o autor/falante se expressar linguisticamente (MARTIN; WHITE, 2005, p. 47). Já a categoria de Julgamento analisa as escolhas linguísticas que realizam uma avaliação ética/moral dos comportamentos, dividindo-se entre a avaliação de comportamentos da cultura oral (estima social) – a qual pode julgar a normalidade, a capacidade e dependência dos participantes - e da cultura escrita (sanção social) – que pode julgar a veracidade e a propriedade do participante sobre o que é dito ou falado (ibidem, p. 52). Por fim, o subsistema da Atitude apresenta a categoria de Apreciação, a qual se preocupa com a análise do valor dado às coisas que fazemos e falamos, sendo este valor

⁷ Nosso corpus de análise e os sujeitos de pesquisa serão detalhadamente apresentados no próximo capítulo.

dependente de quem fala e do ponto de vista sob o qual se fala (ibidem, p. 57). Na Figura 4, podemos visualizar o funcionamento do subsistema de Atitude e a relação entre as três categorias que o compõem:

Figura 4 – Subsistema de Atitude

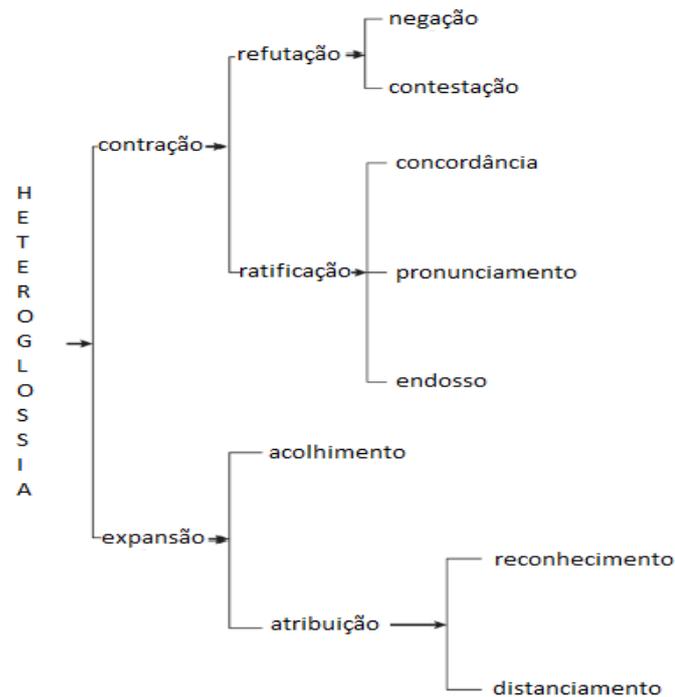


Fonte: (MARTIN e WHITE, 2005, p. 45, tradução nossa).

Na Figura 4, podemos visualizar que a categoria de Afeto se realiza nas categorias de Julgamento e de Apreciação. Para tal classificação, sempre devemos considerar a finalidade e o caráter da avaliação que está sendo realizada pela linguagem.

2.2.2 Engajamento

Já o subsistema de Engajamento aponta os modos pelos quais os usuários da língua se comprometem ou não com aquilo que é dito ou falado, fornecendo uma sistematização de como os posicionamentos se realizam no texto. Além disso, ele possibilita analisar de que forma os usuários da língua se engajam no contexto e no cenário em que estão inseridos (SCHERER, 2013, p. 51). Esse comprometimento pode ser apontado pela ausência ou presença de outras vozes dentro do texto – no primeiro caso, o discurso é denominado monoglóssico; no segundo, heteroglóssico. Quando o discurso é heteroglóssico, ele pode variar quanto à presença dessas outras vozes que nele se deixam transparecer: quanto menos aberto a outras vozes, mais contraído ele é e maior é o grau de comprometimento com aquilo que é dito/falado; quanto mais aberto, mais expansivo e menor é o grau de comprometimento. Para termos de análise, Martin e White (2005) desenvolveram uma escala de contração e expansão dialógicas, a qual se apresenta sintetizada na Figura 5:

Figura 5 – Subsistema de engajamento

Fonte: (MARTIN e WHITE, p. 134, adaptado, tradução nossa).

Na Figura 5, vemos a organização das categorias do subsistema de Engajamento. Realizações linguísticas com termos que realizam a negação apontam o grau máximo de comprometimento com aquilo que é dito ou falado. Por outro lado, as realizações com termos da categoria de Distanciamento, apontam o grau mínimo de comprometimento com aquilo que é dito ou falado.

2.2.3 Gradação

Por fim, a gradação consiste em analisar o grau de atitude e de engajamento realizados pelos usuários da língua, de modo sistematizado dentro de uma escala com um polo positivo e outro negativo, a fim de verificar o Foco e a Força com que os usuários da língua realizam suas avaliações (MARTIN e WHITE, 2005, p. 136). O Foco e a Força consistem em duas categorias do subsistema de Gradação: a primeira está relacionada à precisão ou à suavização dos sentidos atitudinais; já a segunda está relacionada a realizações que se dão por meio da “quantificação de número (muitos), massa (pequeno) e extensão (escopo: curto, estendido; distância: fechado,

reciente); ou através da intensificação de qualidades (muito corrupto), processos (observar casualmente) ou propostas (deve considerar)”⁸ (NAVARRO, 2014, p. 17, tradução nossa).

Com o embasamento teórico apresentado, será possível identificarmos de que maneira os nossos participantes de pesquisa se comportam e se posicionam em relação à atividade de revisão de textos e como a avaliam, a partir do que será possível desvelarmos as relações de poder que sustentam a homogeneização discursiva a respeito da atividade de revisão de textos. Salientamos que, embora tenhamos apresentado os três subsistemas do Sistema de Avaliatividade, focalizaremos apenas a Atitude e a Gradação. Sendo assim, no próximo capítulo apresentaremos o nosso *corpus*.

⁸ “[...] cuantificación de número (muchos), la massa (pequeño) y la extensión (alcance: breve, extendido; distancia: cercano, reciente); o a través de la intensificación de cualidades (muy corrupto), procesos (observar casualmente) o propuestas (debe considerar)” (NAVARRO, 2014, p. 17).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho. Em um primeiro momento, será apresentado o *corpus* de análise da nossa pesquisa, seguido dos critérios estabelecidos para a seleção desse *corpus*; por fim, serão explanados os procedimentos de análise empregados para que fosse possível atendermos os objetivos desta pesquisa.

3.1 CORPUS DE ANÁLISE

O *corpus* é composto por dois tipos de material. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento de materiais bibliográficos que versassem acerca da atividade de revisão de textos, o que nos levou às seguintes obras: *Manual do Revisor* (2000), de José Roberto Malta; *Além da Revisão: critérios para revisão textual* (2013), de Aristides Coelho Neto; e *Um olhar dialógico sobre a revisão de textos: entrelaçando dizeres e fazeres* (2007), de Risoleide Rosa Freire de Oliveira. Ademais, selecionamos dois capítulos de cada material, a fim de delimitarmos os aspectos a serem analisados: as concepções de revisor e da atividade de revisão de textos presentes nesses materiais. Essa seleção se encontra sistematizada no Quadro 1:

Quadro 1 – Relação de materiais sobre revisão textos analisados e seleção de capítulos

Manual do Revisor (MALTA, 2000)	Capítulo 1 – “O que é revisão. Capítulo 2 – “Requisitos para ser um bom revisor”
Além da revisão: critérios para revisão textual (COELHO NETO, 2013)	Capítulo 3 – “Conceito de revisão” Capítulo 4 – “Parâmetros do revisor”
Um olhar dialógico sobre a revisão de textos: entrelaçando dizeres e fazeres (2007)	Capítulo 3 – “O trabalho concreto do revisor de textos: o ponto de vista dos profissionais” Capítulo 4 – “A atividade de revisão: fazeres, práticas, ações”

Fonte: Elaborada pela autora.

Tais materiais foram selecionados pelos seguintes critérios: a) recorrência de menção/citação em textos da área de revisão de textos; e b) relevância/importância para a área.

Em um segundo momento, foi aplicado um questionário semiestruturado⁹ (ver ANEXO 1) aos sujeitos participantes da pesquisa. Uma vez que entendemos que a atividade de revisão de textos deve ser executada por um profissional da língua, ou seja, um profissional de Letras, optamos por tomar como sujeitos participantes da pesquisa graduandos e graduados em Letras, os quais deveriam se encaixar em determinados critérios preestabelecidos: a) ser um revisor de textos profissional, com experiência na atividade (revisores em serviço); ou b) ser um aluno do curso de Bacharelado em Letras Português (revisores em formação). Por esta razão, nossos sujeitos participantes apresentam perfis bastante variados no que diz respeito à formação e à experiência profissional. Esses critérios de escolha dos sujeitos participantes se deram com o objetivo de analisar de que forma o tempo de prática profissional interfere na concepção que o participante tem do trabalho que realiza, o que foi desenvolvido à luz da teoria da Análise Crítica do Discurso. Embora nosso questionário seja composto por 9 questões, debruçamo-nos na análise de apenas duas questões, a 3 e a 7. Esse recorte se justifica pelo fato de pretendermos analisar, especificamente, a prática do trabalho do revisor e a avaliação que esses sujeitos participantes fazem de sua atividade.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para a análise do nosso *corpus*, realizamos as seguintes etapas: a) identificação dos lexemas ricos em significação; b) análise das escolhas lexicais, considerando o(s) contexto(s) e os participantes dos textos analisados, tendo como base os subsistemas de Atitude e Gradação do Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005); e c) interpretação dos dados analisados a partir da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2008), tendo em vista identificar os discursos existentes sobre a revisão de textos, assim como as relações de poder que eles exercem.

⁹ A aplicação do questionário foi aprovada pela Plataforma Brasil, tendo sido proposta em nome da Universidade Federal de Santa Maria/Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, passando pela aprovação do Comitê de Ética da instituição (ver ANEXO 4).

4 CONSTRUINDO O DISCURSO: O QUE OS MATERIAIS SOBRE REVISÃO DIZEM A RESPEITO DA REVISÃO DE TEXTOS

No presente capítulo, serão apresentados os conteúdos dos materiais sobre revisão analisados, com a finalidade de identificar as concepções de revisão de textos (e dos profissionais revisores de textos) que eles apresentam. Para isso, a divisão das seções do capítulo se dá por obra, a fim de que possamos explorar separadamente: a) os dados dos autores (para sabermos quem fala e o lugar de onde fala); b) os meios de produção, circulação e consumo da obra; c) as escolhas lexicais empregadas nos materiais; e d) a abordagem com que o assunto é tratado. A partir desses passos, realizaremos uma análise crítica para identificarmos qual o discurso predominante nesses materiais, de forma que possamos chegar a um discurso hegemônico sobre a revisão de textos.

4.1 *MANUAL DO REVISOR* (2000) – LUIZ ROBERTO S. S. MALTA

Na apresentação do livro, Luiz Roberto Malta afirma que o seu manual é “resultado de 35 anos de experiência na área editorial” (MALTA, 2000, p. 11) e que se configura como uma reunião de coisas que aprendeu e observou ao longo dos anos. Sobre a atuação do autor no mercado editorial, podemos afirmar que é importante. Entre os anos de 1963 e 1972, Malta atuou na Companhia Editora Nacional, conhecida como “a Editora” em virtude de sua importância e destaque no mercado editorial brasileiro por volta dos anos 1950 (ibidem, p. 9). Além disso, Malta é tradutor de livros, como o renomado romance *O homem bicentenário* (1974), de Isaac Asimov¹⁰; e *A Guerra Secreta* (1964), de Gilles Perrault¹¹. No que diz respeito à sua formação acadêmica, não encontramos nenhuma informação.

Lançado em 2000 pela WVC Editora, o *Manual do Revisor* é composto por nove capítulos¹² e é um livro referência no assunto (embora o livro não seja mais editado, o que dificulta o acesso a ele), sendo mencionado em diversos materiais que versam sobre a revisão

¹⁰ Disponível em: <http://www.goodreads.com/author/show/6565832.Luiz_Roberto_S_S_Malta>. Acesso em: 17 ago. 2016.

¹¹ Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/410294/a-guerra-secreta>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

¹² 1. O que é Revisão; 2. Requisitos para ser um bom revisor; 3. A Técnica – Como se faz revisão; 4. O Local de Trabalho; 5. Instrumentos de Trabalho; 6. Miscelânea – Questões Práticas; 7. O Mercado de Trabalho; 8. Os Preços; 9. Exemplos Que São Exercícios e Exercícios Que Servem de Teste.

de textos¹³. Uma possibilidade para o seu destaque é o contexto em que foi lançado: na década de 1990, havia uma grande carência de materiais que tratassem do tema. Com isso, o *Manual do Revisor* pode ser considerado uma obra que veio suprir parte de uma lacuna para os profissionais da área, funcionando como “uma orientação de trabalho para revisores, copidesques, redatores, de diferentes níveis de qualificação e experiência” (MALTA, 2000, p. 11).

Ainda na seção “Apresentação”, observamos algo que nos chamou a atenção: ao falar sobre o público-alvo que pretendia alcançar, Malta escreve:

aos que se iniciam na atividade, ou que já a desempenham, e **aos que fazem revisão esporadicamente**. No último grupo incluí as pessoas que têm razoável base cultural e sólidos conhecimentos de português e que queiram e possam **fazer um “bico” revisando** livros, revistas, folhetos (MALTA, 2000, p. 11, grifos nossos).

Entretanto, mais adiante no texto, ele afirma que o livro é “um manual destinado a ensinar uma atividade profissional” (ibidem, p. 12). Diante disso, questionamo-nos: o objetivo do *Manual do Revisor* é dar dicas de técnicas de revisão a pessoas que queiram fazer “bicos” ou é ensinar uma atividade profissional, como uma forma de buscar um espaço de reconhecimento para o revisor de textos dentro do mercado editorial, como profissão? Assim, passamos à análise dos capítulos selecionados para o presente estudo.

4.1.1 Capítulo 1 – “O que é revisão”

Na abertura do capítulo, o autor afirma que o livro tem como objetivo “mostrar como se faz revisão para editoras de livros”, uma vez que, embora se discuta muito sobre a substituição do suporte impresso pelo suporte digital, o livro impresso perdurará (MALTA, 2000, p. 15). Assim, destaca que o manual “visa ressaltar a **importância do revisor de livros**” (ibidem, p. 15, grifo nosso) e elenca os atributos do revisor de textos:

- revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais;
- revisar as primeiras provas, comparando-as com os originais;

¹³ Como exemplo, temos: o livro *Além da Revisão*, de Coelho Neto; a tese *Um olhar dialógico sobre a revisão de textos*, de Oliveira; o texto *Em busca do texto perfeito*, de Ana Elisa Ribeiro, submetido ao XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste; o texto *Revisão de textos*, de Rodrigues, o qual é a apresentação de um caderno especial sobre revisão de textos, da PUC Minas, de 2015; dentre outros tantos textos que não caberiam aqui em virtude da extensão do trabalho.

- revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas¹⁴ (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo este trabalho);
- revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e, finalmente,
- rever livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros (MALTA, 2000, p. 16).

Em seguida, o autor passa para a definição de outro termo da área, copidesque, “aportuguesamento do inglês *copy desk*” (MALTA, 2000, p. 16), profissional ao qual cabe um trabalho mais aprofundado e exigente quando comparado ao revisor de textos. A tarefa do copidesque é aperfeiçoar a redação do texto, e seu trabalho se caracteriza por assegurar ao texto “uma redação lógica, fluente, entendível” (ibidem, p. 17) fazendo intervenções estruturais, como paragrafação, coesão entre as partes, adequação lexical e, quando necessário, reescrevendo partes do texto. Todavia, quando o autor ainda versa sobre as atribuições do copidesque, afirma que “o bom senso e o profissionalismo **exigem que o revisor/copidesque seja fiel ao conteúdo original**” (ibidem, p. 17, grifo nosso). Essa afirmação sinaliza que as distinções entre as atividades do revisor e do copidesque, em certa medida, não se efetivam. De alguma forma, como o *Manual do Revisor* é um livro referência na área, isso pode ser um indício do porquê os termos “revisor” e “copidesque” ainda hoje são de difícil distinção na literatura sobre revisão de textos, o que reflete na dificuldade que os formadores às vezes têm em sanar algumas dúvidas que os acadêmicos apresentam em aulas sobre revisão de textos.

Ademais, embora Malta tenha afirmado na seção “Apresentação” que o livro não é um “**antierro**, um resumo de gramática, regras de ortografia, crase, regência etc” (ibidem, p. 11, grifo nosso), em cinco páginas do capítulo a palavra “erro(s)” é mencionada 14 vezes, sempre com uma carga semântica negativa, como podemos verificar nos exemplos:

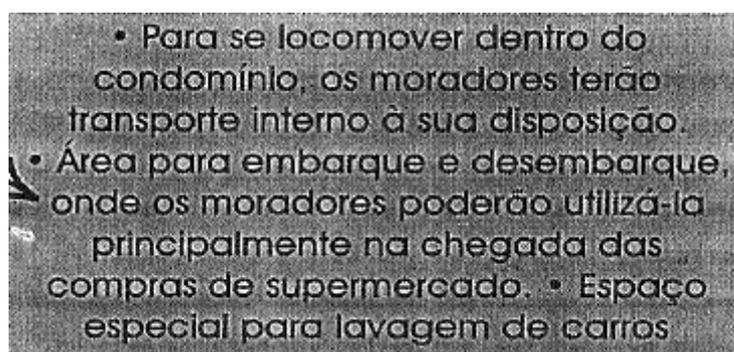
- 1) “[...] com todo o cuidado que a revisão requer, por que ainda aparecem **erros** nos livros?”;
- 2) “Além disso, existe a velha briga: os digitadores, mesmo percebendo o **erro** que o revisor dos originais deixou passar, muitas vezes não o corrige”;
- 3) “Mas deu para perceber que a pressa na revisão dos originais pode ‘perpetuar’ um **erro**, não é mesmo?”;

¹⁴ Cópias heliográficas são aquelas feitas com placas de estanho derivado de um petróleo fotossensível.

- 4) “Assim, **erros** só diminuem se pelo menos dois revisores diferentes lerem o livro, nas etapas de originais e provas”;
- 5) “Que tal, antes de avançarmos mais, uma primeira ‘rodada’ de exemplos de **erros** de revisão para deixar o leitor mais familiarizado com os diferentes tipos de **falhas** encontradas em livros e jornais?” (passim, p. 17-18).

Dando continuidade à defesa de que os equívocos cometidos no trabalho do revisor – ou mesmo pelo autor do texto revisado – são erros, Malta encerra o capítulo com exemplos de erros de revisão encontrados em textos impressos, seguidos de comentários, como o seguinte exemplo:

Figura 6 – Exemplo de erro de revisão



Fonte: (MALTA, 2000, p. 23).

Comentário do autor:

O **horroroso** “onde os moradores...” **deve ser** QUE OS MORADORES PODERÃO UTILIZAR. Aliás, depois do “entretanto”, cujo mau uso já mencionamos, a outra **palavra vítima** é “onde”, hoje usada como substantivo, adjetivo... **Se o revisor não salvar o texto**, quem o salvará? (ibidem, p. 23, grifos nossos).

Como podemos observar nesse exemplo, os comentários de Malta sobre os erros de revisão apresentam um tom bastante pejorativo no que diz respeito ao emprego inadequado de palavras em determinados contextos linguísticos. Ele trata tais palavras (“entretanto” e “onde”) como “vítimas” de quem não tem muito domínio de gramática, adjetivando de “horroroso” esse emprego inadequado e indicando a obrigatoriedade do uso com o termo “deve ser” seguido da maneira “correta” de escrever, em letras garrafais, sem vincular sua proposta a uma situação específica da língua. Ao final de seu comentário, Malta coloca a figura do revisor como aquele que tem a função de “salvar” o texto desses erros/equívocos de redação.

O capítulo é finalizado com uma citação de Otto Lara Resende, que diz: “O único crime que merece fuzilamento é o erro de revisão”. Isso ratifica o sentido unilateral e prescritivo com que Malta trata a revisão de textos. E, embora o título do capítulo seja “O que é revisão”, em nenhum momento do texto foi explicitamente apresentado ao leitor qual o conceito de revisão que Malta defende.

4.1.2 Capítulo 2 – “Requisitos para ser um bom revisor”

Nesse breve capítulo, o autor tem como finalidade apresentar “o que *torna* alguém um bom revisor” (MALTA, 2000, p. 27), ou seja, quais são as características e qualificações estimadas pelo mercado de atuação do revisor de textos. Assim, elenca cinco qualidades que o profissional deve ter. A primeira é ter “ótimo conhecimento de português”, devendo o revisor “estar convicto, seguro, senhor de si, isto é, senhor de seu conhecimento” (ibidem, p. 27) no que diz respeito às regras gramaticais. Caso o profissional não tenha domínio de gramática, ele deve voltar a estudar e consultar boas gramáticas, “deixando de lado as partes de metrficação, fonemas e outras” (ibidem, p. 27), uma vez que – para Malta – são seções da gramática que não têm importância no momento da realização da revisão.

A segunda qualidade do revisor é estar sempre atualizado, observando novos usos dados a palavras que existem, como neologismos e palavras sem tradução para o português. Já que o revisor deve se manter atualizado, a terceira qualidade que ele deve ter é ser portador de uma cultura geral, tendo conhecimentos sólidos de diversas áreas do conhecimento, como “História do Brasil, História Geral, Geografia Geral, Anatomia, Biologia, Astronomia, Religião”, dentre outras (MALTA, 2000, p. 28).

A quarta qualidade cara ao revisor é “ter humildade de duvidar de seus próprios conhecimentos”, sendo recomendável que recorra às fontes necessárias para sanar suas dúvidas, sempre dotado de senso crítico. Por fim, o profissional de revisão de textos deve ter conhecimento razoável de outros idiomas, uma vez que pode ser contratado para revisar traduções (ibidem, p. 29). Para fechar o capítulo, Malta apresenta mais exemplos de “erros de revisão”.

4.2 ALÉM DA REVISÃO: CRITÉRIOS PARA REVISÃO TEXTUAL (2013) – ARISTIDES COELHO NETO

Aristides Coelho Neto é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), é professor de desenho/artes plásticas e atua como escritor e revisor de textos. Em 2002, concluiu uma especialização em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)¹⁵. Em entrevista cedida ao RBI Notícias¹⁶, quando do lançamento do livro analisado neste trabalho, Coelho Neto disse que ingressou no mundo da revisão de textos por gostar de Língua Portuguesa e afirmou: “eu costumo dizer que sou arquiteto de dia e um revisor à noite”.

Lançado em 2008 pela editora Senac, *Além da Revisão* se encontra na 3ª edição (2013)¹⁷, publicada pela mesma editora. O livro é uma obra que obteve grande sucesso no mercado editorial, sendo adotado em cursos de Letras Brasil afora. Isso pode ter se dado pelo fato de ser uma das primeiras obras sobre revisão de textos depois de a realização da atividade ter se consolidado nos meios digitais, cuja principal ferramenta é o computador. Coelho Neto almejou que seu livro, composto por 11 capítulos¹⁸, fosse uma proposta original, na qual tratasse dos erros mais comuns da mídia,

das siglas, das abreviaturas, do uso da vírgula e da crase, da concordância, das formas de tratamento, dos lugares-comuns, do uso das maiúsculas, das regras básicas de redação oficial [...] [d]a influência do computador na revisão e na produção de texto [...] [e] sobre o respeito à linguagem falada pelo brasileiro. (COELHO NETO, 2013, p. 12).

Um aspecto interessante da apresentação do livro é que autor aborda o fato de a profissão do revisor de textos não ser devidamente reconhecida no mercado editorial, chegando ser até mesmo desdenhada. Tal desdém, resulta, muitas vezes, no baixo valor de remuneração destinado a esse profissional.

A partir dessa visão geral da obra, passemos à análise dos capítulos selecionados para o presente trabalho.

¹⁵ Informações extraídas do *site* do autor, da seção “Quem sou eu”. Disponível em: <<http://www.revisor10.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

¹⁶Entrevista no *site Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uXqkNvMHnhI>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

¹⁷ Edição adotada para o presente trabalho.

¹⁸ 1. Texto e revisão; 2. O cenário em que nos situamos; 3. Conceito de revisão; 4. Parâmetros do revisor; 5. Instrumentos para revisão; 6. O processo de revisão; 7. O dia a dia do revisor; 8. Memórias de revisão; 9. Citações, notas e referências – Normalização; 10. Teste seus conhecimentos (Exercícios); 11. Tabelas práticas, listagens únicas.

4.2.1 Capítulo 3 – “Conceito de revisão”

Coelho Neto afirma que a figura do revisor de textos se faz imprescindível quando o autor “comete **erros**, emite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a **coisas absurdas** que o seu texto contém” (COELHO NETO, 2013, p. 58, grifos nossos). Quando isso ocorre, o revisor deve agir de modo a assegurar que “o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos **erros ortográficos**, aos **erros conceituais**, enfim, aos deslizes praticados pelo autor” (ibidem, p. 58, grifos nossos).

O capítulo é dividido em três partes, intituladas “Atributos do revisor”, “Originais e editoração” e “Erros de revisão”. Na primeira parte, o autor apresenta apenas o seguinte:

- Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidades, autores, mestrandos, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica.
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).
- Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente (COELHO NETO, 2013, p. 59).

Se observarmos com atenção, tais atribuições são muito semelhantes às elencadas por Malta (2000) (ver páginas 23 e 24 deste trabalho), embora, em nenhum momento, Coelho Neto tenha feito referência ou menção ao que foi tratado por Malta (2000).

Na seção “Originais e Editoração”, o autor apresenta uma aproximação da atividade de revisão de textos com o principal mercado de atuação do profissional: as editoras. Com base em Pinto (1993), Coelho Neto apresenta as fases que compõem o processo de editoração: a) pré-industrial: “consiste na busca, seleção, contratação e nas adequações dos originais para publicação”; b) industrial: “composição, impressão e acabamento”; e c) pós-industrial: “todos os aspectos relacionados à comercialização do livro” (PINTO, 1993, p. 9 *apud* COELHO NETO, 2013, p. 59).

Segundo Coelho Neto (2013), “original é a ‘matéria-prima’ do livro, o material entregue pelo autor à editora ou à gráfica” (p. 59), ou seja, o material que será submetido à primeira revisão textual. A partir disso, o autor afirma que, do processo de editoração, as fases que mais interessam ao trabalho do revisor de textos são a pré-industrial e a industrial, uma vez que são os momentos voltados para a adequação dos originais e para a revisão do texto (ibidem, p. 60).

Na parte intitulada “Erros de revisão”, o autor afirma que tais erros podem ser de variados tipos – “de ortografia, de pontuação, [...] de discrepâncias com o original, de supressão

das partes, e muitas vezes até de diagramação” (COELHO NETO, 2013, p. 60) –, cujas causas, geralmente, estão associadas ao pouco tempo que o revisor de textos tem para executar o seu trabalho.

Como ocorreu em Malta (2000), embora o título do capítulo seja “Conceito de revisão”, Coelho Neto (2013) não apresenta uma definição do que seja a revisão de textos.

4.2.2 Capítulo 4 – “Parâmetros do revisor”

Neste capítulo, Coelho Neto apresenta os aspectos que podem determinar a abordagem que o revisor de textos dará ao texto, dependendo do tipo de texto com o qual o profissional se depara. São três os parâmetros do revisor: a “Norma culta da modalidade escrita”, as “Palavras dicionarizadas e não dicionarizadas” e a “Oralidade”.

O autor afirma que quando uma performance realizada pela linguagem verbal não conseguir alcançar os seus objetivos, a figura do revisor de textos é fundamental, o qual atuará como “decisor linguístico, respeitados os limites razoáveis de sua atuação” (COELHO NETO, 2013, p. 74), agindo como um “**suporte à interação** que o autor do texto pretende com o leitor” (ibidem, p. 74, grifo nosso). Para uma realização bem sucedida dessa interação, o revisor precisa “conhecer **as leis combinatórias que regem** o português” (COELHO NETO, 2013, p. 74, grifo nosso).

Mais adiante, o autor explana uma discussão bastante recorrente aos estudiosos da linguagem: cada lugar de ação, cada momento de interação social, cada ato de fala requer determinado tipo de comportamento linguístico, conhecido como “variedade linguística”. Assim, há duas normas que regem a língua: a) a norma culta, característica da escrita, em que o usuário da língua precisa ter um conhecimento mais apurado de gramáticas; e b) a norma popular, característica da fala, mais elástica às interações imediatas que ocorrem, seja na cidade, no campo, em uma “tribo” específica. (passim, p. 75-76).

Dessa forma, para Coelho Neto, cabe ao revisor de textos ter o bom senso de saber quando optar por determinada norma linguística: “se texto formal escrito, seja a norma culta; se texto coloquial falado, a norma doméstica, familiar” (COELHO NETO, 2013, p. 77). Ademais, antes de tomar tais decisões, se possível, que o revisor dialogue com o editor ou o autor do texto.

Na seção “Palavras dicionarizadas e não dicionarizadas”, o autor afirma que o dicionário é um dos principais parâmetros do revisor. Por essa razão, é importante que o revisor de textos,

bom conhecedor de gramática que deve ser, esteja atento às formas coloquiais da língua que passam a ter uso recorrente na fala de muitas pessoas, pois a probabilidade de tais formas serem dicionarizadas é grande.

No tocante à oralidade, Coelho Neto ressalta a diferença entre as manifestações escritas e orais da língua. Aqui o autor aborda a revisão realizada em textos originalmente proferidos na modalidade oral e que devem ser transcritos para a modalidade escrita. Nesses casos, o revisor deve ter a habilidade de saber lidar com as especificidades de cada modalidade (escrita e oral), a fim de que o conteúdo do texto não seja prejudicado. A fim de ilustração, o autor apresenta um quadro explicativo de ambas as modalidades:

Quadro 2 – Fala x Escrita

Fala	Escrita
Espontânea	Planejada
Evanescente	Duradoura
Grande apoio contextual	Ausência de apoio contextual
Face a face	Interlocutor distante
Repetições/redundâncias/truncamentos/desvios	Controle de sintaxe/das repetições/das redundâncias
Predomínio de orações coordenadas	Predomínio de orações subordinadas

Fonte: (GARCEZ, 2001, p. 74 *apud* COELHO NETO, 2013, p. 82).

Como podemos ver no Quadro 2, o desafio de o revisor trabalhar em um texto oral que foi transcrito não se restringe ao domínio da gramática e da variedade linguística, mas carrega questões como a percepção de influências contextuais que agem sobre a linguagem oral, o que se perde na linguagem escrita. Além disso, a oralidade apresenta as conhecidas “marcas de oralidade”, que podem ser pausas na fala, risos, algo que possa ter distraído o locutor, dentre tantos outros fatores. Diante de tudo isso, cabe ao revisor de textos saber resgatar o máximo possível daquele determinado contexto de interação e trazer o máximo de elementos possíveis para o texto em sua forma escrita.

4.3 UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE A REVISÃO DE TEXTOS: ENTRELACANDO DIZERES E FAZERES (2007) – RISOLEIDE ROSA FREIRE DE OLIVEIRA

Risoleide Rosa Freire de Oliveira é graduada em Letras (1986) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e possui mestrado (1998) e doutorado (2007) em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. Oliveira seguiu carreira acadêmica, tendo se tornado professora da UFRN, vinculada ao Departamento de Letras Vernáculas, e coordenadora do grupo de pesquisa “Práticas discursivas, linguagens e ensino (Pradile)”. Uma área que recebe seu foco de atuação é “Práticas de (re)escrita e revisão de textos”, sendo atualmente coordenadora de um projeto de pesquisa intitulado “Gêneros acadêmico-científicos: orientação para análise, revisão e escritas de aspectos linguísticos e discursivos”, já tendo participado de/coordenado outros projetos de pesquisa voltados ao estudo de revisão de textos em outros momentos de sua formação/carreira¹⁹.

Além de estudar com afinco questões voltadas à revisão de textos, ela atuou como responsável pela seção de revisão textual em variados segmentos da UFRN, dentre eles a própria editora da universidade. Ademais, Oliveira tem ampla publicação de trabalhos acadêmicos sobre o assunto, dentre eles a sua tese de doutorado e o livro *Revisão de textos: da prática à teoria* (2010), ao qual não conseguimos ter acesso²⁰. Ou seja: Oliveira é uma estudiosa acadêmica da linguagem, com experiência de ensino e trabalho na área de revisão de textos.

Um olhar dialógico sobre a revisão de textos é a tese de doutorado de Oliveira, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), com área de concentração em Linguística Aplicada. Dividida em 4 capítulos²¹, a tese tem como apoio teórico-metodológico o interacionismo sociodiscursivo (ISD), mobilizando conceitos bakhtinianos como interação, gêneros do discurso, alteridade e exotopia.

Oliveira afirma que o objetivo da tese em estudar a revisão de textos é discutir o assunto sob uma nova perspectiva, uma nova ótica (OLIVEIRA, 2007, p. 13). Para isso, adota uma abordagem qualitativa de pesquisa, com a finalidade de

¹⁹ “Práticas de reescrita e revisão no ensino básico” (2010-2011); “O processo de revisão do gênero acadêmico-científico” (2011-2012); “Práticas de escrita e revisão na esfera acadêmico-científica” (2012-2013); “Práticas de linguagem na perspectiva dialógica: revisão e (re)escrita de gêneros acadêmicos” (2013-2014); dentre outros projetos que não possuem a revisão de textos como foco, mas que contemplam o assunto em suas práticas.

²⁰ As informações sobre formação de Oliveira foram retiradas do currículo lattes da autora. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4779386D8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

²¹ 1. “A escrita e o texto escrito: da função social e comunicativa à função discursiva”; 2. “A revisão de textos e a concepção da língua: do discurso à estrutura”; 3. “O trabalho concreto do revisor de textos: os pontos de vista dos profissionais”; e 4. “Atividade de revisão: fazeres, práticas, ações”.

dar voz aos sujeitos envolvidos na atividade de revisão para melhor compreensão do objeto de estudo [...], [considerando] a necessidade de se **construir conhecimento que seja responsivo à vida social**, levando em conta [...] os problemas concretos que envolvem questões de uso da linguagem pelo ser humano, **em uma dimensão social, múltipla e dinâmica**. (OLIVEIRA, 2007, p. 14, grifos nossos)

Para isso, seu *corpus* de análise é composto por materiais em que sujeitos que trabalham com revisão de textos fazem considerações sobre a atividade. Esses materiais se dividem em manuais, entrevistas e recortes de interação entre a autora, no papel de revisora de texto, e o autor do texto revisado, o que será melhor explanado nas subseções que seguem.

4.3.1 Capítulo 3 – “O trabalho concreto do revisor de textos: o ponto de vista dos profissionais”

Neste capítulo da tese, Oliveira apresenta a análise dos manuais de revisão e das entrevistas aplicadas a revisores de texto, com a finalidade de “estabelecer uma inter-relação entre a prática vivenciada por eles [revisores] e a teoria daí advinda” (OLIVEIRA, 2007, p. 74). No que diz respeito aos manuais, foram analisados o *Manual de Revisão* (1967), de Faria Guilherme, e o *Manual do Revisor* (2000), de Malta, sobre os quais a autora conclui que “não inovam, não apresentam um ponto de vista alternativo, nem desafiam concretamente as vozes conservadoras das normas gramaticais” (ibidem, p. 86). Ainda afirma que eles prescrevem “normas e dicas sobre a revisão e o revisor”, o que “os configuraria como **vozes sociais que hierarquizam valores**, [propondo] uma determinada **forma e função generalizante à tarefa de revisar**” (OLIVEIRA, 2007, p. 86, grifos nossos).

Em seguida, a autora apresenta as análises das entrevistas (individual e coletiva), ambas realizadas com os mesmos sujeitos de pesquisa, que são 3: Lígia, Fernando e Aurélio (todos pseudônimos). Lígia é graduada em Letras, especialista em Leitura e Produção de Textos, mestre em Letras, doutoranda em Linguística Aplicada, e possui experiência em revisão de texto acadêmico. Já Fernando é graduado em Ciências Sociais e Comunicação Social, aluno especial do mestrado em Letras (na área de Literatura Comparada) e tem 30 anos de experiência como escritor, revisor e copidesque, com foco em texto jornalístico. Aurélio, por sua vez, é graduado em Letras e especialista em Letras (na área de Literatura Brasileira do século XX). Na descrição das entrevistas, é possível observar que os sujeitos de pesquisa apresentam aspectos diferentes sobre a revisão de textos, a exemplo de Fernando, que fala sobre a revisão de textos literários (OLIVEIRA, 2007, p. 93). Ademais, eles apresentam suas próprias

concepções do revisor de textos: coautor, para Fernando; orientador, para Lígia; e policial da língua, para Aurélio.

Em seguida, Oliveira explana as suas considerações sobre as entrevistas, concluindo que os diferentes profissionais entrevistados, com base nas “singularidade[s] de suas vivências pessoais, a partir das concepções e fazeres que se constroem ao longo de sua vida profissional, atribuem sentidos ao trabalho” (ibidem, p. 119). A questão da influência e da importância da experiência na atividade no momento da realização da revisão e no amadurecimento profissional do revisor será melhor explorada na próxima seção.

4.3.2 Capítulo 4 – “A atividade de revisão: fazeres, práticas, ações”

Neste capítulo, Oliveira versa sobre a sua experiência pessoal como revisora de textos, abordando a interação que deve haver entre o revisor de textos e o autor do texto revisado no momento da realização da atividade. Ao falar da trajetória de sua carreira, afirma que sua vivência no mundo editorial foi determinante para que decidisse optar por seguir na profissão de revisão de textos OLIVEIRA, 2007, p. 122). Essa experiência a fez “constatar que a concepção de língua como código, como sistema, com base nas boas gramáticas tradicionais, não correspondia ao que muitas vezes necessitava para compreender o [que era] escrito por alguns autores” (OLIVEIRA, 2007, p. 124, adaptado).

Mais adiante, Oliveira define a revisão de textos como uma “atividade que deveria levar em conta os sujeitos envolvidos no processo interacional tanto de produzir quanto de revisar o texto, com suas peculiaridades e singularidades” (ibidem, p. 125). A fim de aprofundar essa definição da atividade, a autora apresenta as etapas a serem seguidas no processo de revisão:

Em uma primeira revisão, o revisor leria o texto **atentando para quem (destinatário) e por quem (o autor)** o texto estaria sendo produzido, o que implica **observar onde (lugar/área/campo/esfera) ele circulará**. Em seguida, em uma segunda revisão, releria o texto para, aí sim, começar a corrigir os aspectos gramaticais e notacionais, como a concordância verbal e nominal, a ortografia, a pontuação, o enquadramento às normas da ABNT, entre outros. Desse modo, ao revisar o texto **analisando os dois polos – o do enunciado (unidade de comunicação discursiva) e o da oração (unidade da língua)** –, observaria a forma do conteúdo do texto, e não apenas a forma pela forma, desvinculada de posturas e visões de seus autores. Depois de, no mínimo, essas duas revisões, **o revisor discutiria com o autor as dúvidas e problemas encontrados no texto**, para fazer as adequações e mudanças necessárias (OLIVEIRA, 2007, pp. 125-126, grifos nossos).

Podemos observar que para Oliveira a situação concreta de comunicação é um aspecto importante de se considerar no momento da revisão de textos, o que condiz com a abordagem bakhtiniana que a autora faz da atividade de revisão de textos. Ademais, verificamos que para a autora um dos papéis do revisor de textos é ajudar o autor do texto a agir em conformidade com o gênero discursivo que ele se propõe escrever.

A fim de ilustrar a importância da interação no momento da revisão, Oliveira apresenta alguns exemplos de negociação de sentido com diferentes autores de texto: primeiramente, com uma autora com experiência na escrita; em seguida, com autoras iniciantes. Isso se deu com o objetivo de mostrar ao leitor de sua tese que autores em diferentes níveis de escrita recebem diferentes tipos de orientação por parte do revisor, assim como esses diferentes autores podem reagir de formas diferentes às sugestões do revisor. Isso ratifica o posicionamento teórico de Oliveira em relação à revisão de textos: considerar a atividade a partir do interacionismo sociodiscursivo, observando as particularidades e cada situação comunicativa.

4.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS MATERIAIS QUE VERSAM SOBRE REVISÃO

Nesta seção, é apresentada uma análise comparativa dos materiais que versam sobre revisão descritos ao longo do capítulo, a fim de que possamos identificar qual o discurso recorrente nos materiais selecionados. Para isso, serão apresentadas as nossas considerações sobre cada um dos materiais, para em seguida compararmos os seus discursos.

No que diz respeito ao *Manual do Revisor* (2000), podemos afirmar que o discurso que nele predomina é normativo, uma vez que o foco é dar dicas sobre a revisão de textos, funcionando como um guia de como se deve realizar a atividade. Malta se refere aos equívocos de revisão de textos e aos de escrita como “erros”, construindo a figura do revisor como aquele que tem o papel de “salvar” as palavras dos empregos inadequados em determinados contextos. Talvez isso possa explicar o fato de o autor não reconhecer a importância de partes da gramática que se dedicam a estudar Estilística, como metrificação e fonemas, o que ratifica o discurso normativo e sua perspectiva rígida no que diz respeito aos usos da língua(gem). Ademais, outro fato que chama a atenção é que o autor tem como objetivo tratar de revisão de livros impressos, o que atualmente não é comum na realização da revisão textual. Isso pode ser lido como uma evidência de um engessamento por parte do autor em relação às novas tecnologias que estavam surgindo no momento da publicação do livro: embora a publicação seja de 2000, o que autor

apresenta são as formas e técnicas de revisão comuns nos anos 60 e 70, décadas em que ele atuou com reconhecimento na então principal editora brasileira.

Além da Revisão (2013), por sua vez, apresenta um discurso um pouco menos rígido do que vemos no *Manual do Revisor* (2000). Coelho Neto, embora não tenha sua formação inicial em Letras, possui especialização em Língua Portuguesa, o que talvez tenha lhe auxiliado a construir uma perspectiva mais flexível em relação à revisão de textos: o autor fala em tipos de texto, em tipos de comportamento linguístico, englobando as diferenças entre a linguagem escrita e a oral. Todavia, Coelho Neto também trata os equívocos de escrita como “erros”, adjetivando alguns deles como “coisas absurdas”. Além disso, quando o autor explana os parâmetros que o revisor de textos deve adotar para realizar o trabalho, elenca a norma culta da modalidade escrita, a dicionarização das palavras e a oralidade, o que demonstra uma concepção normativa de linguagem e, conseqüentemente, de revisão de textos. Por fim, por mais que ele trate da oralidade, apresenta uma rígida dicotomia “Fala x Escrita”, o que se mostra engessado no que diz respeito às situações reais de comunicação.

Um olhar dialógico sobre a revisão de textos (2007) é o único texto que se configura como um texto acadêmico, consistindo em uma pesquisa com a preocupação de dar voz aos profissionais de revisão de textos. Com isso, Oliveira objetiva verificar se a teoria e a prática da revisão de textos dialogam ou não. Um aspecto importante deste texto é o fato de a autora (diferentemente dos autores dos manuais) ter a sua formação na área de Letras, tendo estudado ao longo de muitos anos questões relacionadas aos usos da língua(gem) e à revisão de textos. Ainda, com a metodologia adotada, a autora mostra que o universo da revisão de textos não se restringe ao domínio da gramática ou das regras da escrita e da oralidade. Por meio dos discursos dos sujeitos entrevistados, podemos reconhecer a grande amplitude que a revisão de textos contempla: revisão de textos acadêmico-científicos, literários, jornalísticos, dentre outros gêneros que circulam em diferentes suportes e esferas comunicativas.

Com base nesse panorama geral, podemos afirmar que o discurso dominante sobre a revisão de textos nesses materiais é o normativo, o qual se caracteriza por privilegiar os aspectos gramaticais e formais do texto, desconsiderando os aspectos contextuais no momento da revisão. Esse discurso está presente no *Manual do Revisor* (2000) e em *Além da Revisão* (2013), os quais apresentam uma abordagem unilateral da temática de revisão de textos. Essa é uma leitura possível pelo fato de não haver outras vozes além das deles e pelo fato de eles prescreverem a revisão de textos unicamente com base em suas experiências pessoais, desconsiderando o fato de que cada revisor se depara com diferentes situações em seu trabalho, como, por exemplo, o texto literário. Quando observamos a recorrência da palavra “erro” em

ambos os manuais, verificamos que os autores se colocam como autoridades inquestionáveis sobre o assunto tratado. Ademais, nem Malta, nem Coelho Neto consideram os gêneros e a situação comunicativa.

Já *Um olhar dialógico sobre a revisão de textos* (2007) apresenta um discurso interativo-discursivo sobre a revisão de textos. Oliveira, fundamentada em conceitos bakhtinianos, como enunciado, discurso e dialogismo, considera os gêneros e a situação comunicativa aspectos de fundamental importância no momento da revisão. Ademais, a autora apresenta uma abordagem bilateral do assunto, pois contempla em sua análise os dizeres dos manuais e de revisores “reais”, os quais explanam as suas diferentes visões sobre a profissão, ou seja: diferentemente de Malta e Coelho Neto, a autora não se restringe ao seu ponto de vista e às suas experiências pessoais como revisora de textos. Embora ela fale de sua experiência pessoal, não o faz com o intuito de se colocar como autoridade no assunto, mas sim de sinalizar a importância de dar voz aos revisores de textos, pois cada experiência culmina em perspectivas distintas sobre a atividade, o que contribui na reflexão sobre a busca de espaço e reconhecimento no mercado de trabalho por parte desses profissionais.

A partir disso, a fim de melhor visualização, sistematizamos nossa análise, apresentada no Quadro 3:

Quadro 3 – Sistematização da análise dos materiais de revisão

Autor/Obra	Conceito de revisão	Atribuições do revisor	Abordagem dada ao assunto	Discurso sobre o tema	Lexemas ricos em significação
Malta (2000)	-	1. Ter ótimo conhecimento de português; 2. Estar sempre atualizado sobre os usos da língua; 3. Ser portador de uma cultura geral; 4. Ter humildade de duvidar de seus próprios conhecimentos; 5. Ter conhecimento razoável de outros idiomas;	Unilateral	Normativo	Erro; Regras gramaticais; Livro impresso;

Coelho Neto (2013)	-	1. Agir como suporte às interação que o autor do texto pretende com o leitor; 2. Conhecer as leis combinatórias que regem o português; 3. Ter bom senso; 4. Ser um decisor linguístico;	Unilateral	Normativo	Erro; Norma; Escrita; Oralidade; Forma;
Oliveira (2007)	“[...]atividade que deveria levar em conta os sujeitos envolvidos no processo interacional tanto de produzir quanto de revisar o texto, com suas peculiaridades e singularidades” (OLIVEIRA, 2007, p. 125).	1. Ajudar o autor do texto a agir em conformidade com o gênero discursivo que ele se propõe a escrever;	Bilateral	Interativo-discursivo	Gêneros discursivos; Situação comunicativa; Discurso; Interação; Enunciado;

Fonte: Elaborada pela autora a partir da análise dos dados.

Com base no que os dados apontam, propomos uma reflexão crítica: o *Manual do Revisor* (2000) e *Além da Revisão* (2013) podem ser vistos como alicerces da construção social que se tem do revisor de textos. Segundo a Análise Crítica do Discurso (ACD), existem dois poderes, o “poder *no* discurso e *por trás* do discurso. O primeiro é mais visível e pode ser exercido *in presentia*, explicitamente, através de palavras e textos específicos” (MEURER, 2005, p. 92), como os que apresentamos neste capítulo, por meio dos manuais. Já o segundo poder, aquele *por trás* do discurso,

deriva de ordens do discurso não tão visíveis, como é o caso dos **discursos *por trás* da escolha que [o curso] vai adotar ou dos discursos que determinam o que é ser [revisor] e consequentes formas de comportamento ou posicionamento diante da profissão** (MEURER, 2005, p. 92, adaptado).

Sendo assim, podemos concluir que essa abordagem unilateral e esse discurso normativo provenientes de dois livros de grande circulação e sucesso editorial, em grande medida, contribuem para sustentar a falta de reconhecimento e de autonomia que a profissão sofre no mercado de trabalho.

Para complementar a nossa análise, no próximo capítulo apresentaremos os discursos dos nossos sujeitos participantes de pesquisa, a fim de verificar quais são as suas formas de comportamento e posicionamento diante da profissão. Com isso, pretendemos investigar se o discurso dominante nos manuais é reproduzido (e de que forma isso se dá) no comportamento e no posicionamento dos participantes de pesquisa, tendo em vista identificar os poderes *por trás* dos discursos.

5 NATURALIZANDO O DISCURSO: O QUE OS REVISORES DIZEM SOBRE A REVISÃO DE TEXTOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises das respostas às questões 3 e 7 (ver ANEXOS 2 e 3) aplicadas aos sujeitos participantes desta pesquisa, tendo em vista verificar se o discurso dominante nos materiais sobre revisão é reproduzido e de que maneira isso acontece. Assim, a divisão do capítulo foi feita por questão analisada, a fim de que possamos explorar, separada e detalhadamente, os dados que cada questão nos forneceu. No final do capítulo, é apresentado um breve panorama dos discursos dos sujeitos participantes, para verificarmos os aspectos recorrentes em seus discursos.

Contamos com 7 sujeitos participantes²², sendo o primeiro sujeito participante (SP1) graduado em Bacharelado em Letras – Português e uma das pessoas responsáveis pela revisão de uma revista científica da área de Letras. O segundo sujeito (SP2) é licenciado em Letras Português e mestre em Letras, atuando como revisor de textos profissional em uma editora universitária. Nessa editora, SP2 é o único profissional a quem cabe a realização da revisão de textos, sendo também responsável pela coordenação editorial da editora em que atua. O terceiro sujeito participante (SP3) é graduando do curso de Bacharelado em Letras – Português e ocupa o cargo de bolsista na mesma editora em que SP2 trabalha, a fim de auxiliar no trabalho de revisão de textos. Os demais sujeitos participantes (SP4, SP5, SP6 e SP7) são alunos de graduação em Bacharelado em Letras – Português e, no momento da aplicação do questionário, estavam cursando a disciplina Produção Textual VIII - Oficina de Revisão de Textos: Originais e Provas²³. Os perfis dos sujeitos participantes encontram-se sistematizados no Gráfico 1, em que estão em evidência a formação e a experiência de cada um:

²² A fim de preservar a identidade dos sujeitos participantes, referir-nos-emos a eles como SP1, SP2, SP3, SP4, SP5, SP6 e SP7.

²³ As informações sobre os sujeitos participantes são referentes ao momento da coleta de dados e aplicação do questionário, ou seja, o ano de 2015.

Gráfico 1 – Perfil dos participantes

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise dos dados.

A partir da apresentação dos perfis dos sujeitos participantes, passemos à análise de suas respostas fornecidas no questionário semiestruturado.

5.1 “COMO VOCÊ REALIZA A REVISÃO?”

A questão 3²⁴ teve por objetivo verificarmos de que maneira cada sujeito participante da pesquisa aborda o texto a ser revisado. As respostas nos permitiram chegar aos aspectos que os participantes priorizam na revisão, o que nos levou às perspectivas que apresentam de revisão de textos.

Com a análise dos dados, as respostas foram sistematizadas a partir de três aspectos contemplados na abordagem do texto revisado: aspectos estruturais, aspectos discursivos e aspectos interativos, o que remete às três categorias de análise da ACD explanadas na seção de revisão da literatura (prática textual, prática discursiva e prática social). Assim, identificamos três perspectivas sobre a atividade do revisor de textos: a normativa, a interativo-textual e a interativo-discursiva.

No que diz respeito à perspectiva normativa, 4 dos 7 participantes apresentaram um posicionamento que com ela coaduna, pois consideram que a abordagem do texto no momento da revisão deve priorizar aspectos como “construção gramatical”, “adequação das normas

²⁴ “Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão? Descreva sua abordagem do texto no momento da revisão”.

exigidas”, “normas gramaticais” e “aspectos gráficos”. É importante destacar que todos os 7 participantes percebem a importância de se considerar os referidos aspectos na revisão; entretanto, esses 4 participantes os priorizam, como é possível verificar nos excertos seguintes:

Exemplo 1:

SP4: “Acredito que todos os aspectos são importantes, desde a revisão da **ortografia**, até a **construção gramatical**”.

SP5: “**Pontuação, concordância** verbal, formatação do texto, adequação das **normas** exigidas, etc”.

SP6: “A coesão do texto, a disposição dos argumentos e as **normas gramaticais**”.

SP7: “**Aspectos gráficos, ortográficos, de concordância** verbal e nominal, de coesão e coerência são os aspectos e as partes, respectivamente, de abordagem que utilizo”.

O SP1, por sua vez, apresenta uma abordagem mais ampla do texto revisado. Em um primeiro momento do processo de revisão, parte da estrutura do parágrafo, em que atenta a aspectos relativos ao padrão e à construção frasal, como pontuação, ortografia, regência e concordância nominais. Em um segundo momento, SP1 faz uma abordagem global do texto, prestando atenção nos aspectos textuais, a fim de garantir coerência e coesão. Por último, este participante volta seu olhar para o exemplar do gênero:

Exemplo 2:

SP1: “[...] considero importante atentar inicialmente para a **construção do parágrafo**, garantindo a **correção da pontuação**, da **ortografia**, da **concordância** e da regência verbal/nominal. [...] Em um segundo momento, analiso **o texto como um todo**, de modo a garantir sua **coerência** e **coesão**. [...] atento também para a adequação do título e do(s) subtítulo(s) e para o **gênero** a que o trabalho se propõe”.

Com base nisso, podemos afirmar que SP1 considera o texto da microestrutura para a macroestrutura, ou seja: revisa primeiramente os elementos lexicais e gramaticais, verificando se correspondem à norma padrão da Língua Portuguesa, para em seguida revisar uma camada mais externa, isto é, a relação dos parágrafos entre si e sua organização dentro do texto como um todo, a fim de que as ideias expostas no texto sejam apresentadas de forma coerente e coesa ao leitor, o que nos possibilita pensar na progressão temática do texto. Por fim, volta seu olhar para o gênero textual. A partir disso, é possível afirmar que a perspectiva de revisão de textos apresentada por SP1 é interativo-textual, pois considera o leitor do texto revisado (embora o

participante não sinalize linguisticamente essa compreensão) e os mecanismos de construção do texto.

Já o SP3, ao mesmo tempo que apresenta uma escolha lexical que remete à perspectiva normativa (“formatação adequada”, “norma culta da gramática normativa”, “concordância” e “procurando problemas de cunho gramatical”), aborda o texto de forma que parece considerar o texto como um exemplar de um determinado gênero textual, pois ele observa primeiramente a página, seguida do parágrafo, finalizando com a “análise semântica do texto”, entendendo que deve atender a um propósito comunicativo:

Exemplo 3:

SP3: “Em um primeiro momento, faço uma **revisão visual da página**, procurando **problemas de formatação** do texto (normas ABNT). A seguir, faço uma leitura completa da página (ou parágrafo), procurando **problemas de cunho gramatical** (ortográfico, lexical e de concordância). Por último, faço uma **análise semântica do texto**, procurando problemas de **concordâncias entre as ideias estabelecidas**”.

Se considerarmos a abordagem de revisão explanada por SP1, “de dentro para fora”, podemos afirmar que SP3 realiza o processo inverso em sua prática de revisão, de “fora para dentro”. Ele parte de aspectos como a página e sua disposição gráfica, adentrando no texto quando passa a estruturas menores, como o parágrafo, momento em que considera os aspectos formais da língua. Em seguida, chega a uma camada mais interna do texto, em que passa a verificar de que forma os problemas de concordância comprometem a clareza e a coesão das ideias apresentadas no texto. Isso demonstra sua preocupação com o texto como um todo, não apenas com os problemas formais da língua, de forma a melhor preparar o texto para o leitor, o que também indica uma perspectiva interativo-textual da atividade de revisão de textos.

Por fim, SP2 é o revisor com mais tempo de experiência no mercado, o que talvez justifique suas considerações sobre seu trabalho. Comparado aos outros 6 participantes, SP2 é o que apresenta um discurso diferenciado a respeito da atividade de revisão de textos. Este participante afirma que “o trabalho de revisão de texto não se atém apenas à correção mecânica gramatical”, sendo possível inferir que para SP2 cabe ao revisor ir além das estruturas engessadas, já que a esse profissional compete realizar “uma completa intervenção no texto, a fim de aperfeiçoá-lo” para o leitor. Apesar do uso do termo “intervenção”, SP2 deixa claro que isso não se dá conforme a vontade do revisor, mas sim em diálogo com o autor, pois entende que o texto não é seu: quando há dúvidas em relação ao sentido do texto, o autor sempre é

consultado e suas colocações são devidamente consideradas, o que sinaliza a perspectiva interativo-discursiva da revisão de textos:

Exemplo 4:

SP2: “É fundamental que o revisor realize uma completa **intervenção no texto**, a fim de **aperfeiçoá-lo**. [...] levo em consideração [...] que **o texto não é meu**, portanto, quando surgem dúvidas em relação ao sentido, ela é **esclarecida com o autor**”

Entendemos que a perspectiva interativa da revisão se ramifica em duas perspectivas. A primeira diz respeito à interação entre o texto revisado e o leitor, tendo como critérios a coesão e coerência textuais (SP1 e SP3), denominada por nós, neste trabalho, de perspectiva interativo-textual. A segunda diz respeito à interação entre autor e revisor, na qual há uma negociação de sentidos a respeito do texto revisado, a fim de que o revisor não altere a intenção comunicativa do autor do texto (SP2), a qual chamamos de perspectiva interativo-discursiva.

É importante salientar que a perspectiva interativo-textual se diferencia da normativa pelo fato de não estar preocupada apenas com regras gramaticais, mas por considerar todos os aspectos de um texto, como a organização textual, a disposição das informações, a coerência e a coesão. Entretanto, é necessário atentar para o fato de que ela não atinge o nível interativo da perspectiva interativo-discursiva, uma vez que o diálogo com o autor não é estabelecido.

Essa sistematização dos discursos sobre a atividade de revisão de textos pode ser melhor visualizada no quadro que segue:

Quadro 4 – Sistematização das perspectivas acerca da atividade do revisor de textos

CONCEPÇÕES DE REVISÃO	PERSPECTIVAS SOBRE A ATIVIDADE DO REVISOR	LEXEMAS RICOS EM SIGNIFICAÇÃO
Normativa	Normativa: ratifica o discurso normativo encontrado nos manuais de revisão de textos, indo ao encontro do senso comum de que a atividade do revisor de textos se restringe às correções dos desvios da norma culta da língua.	Ortografia, construção gramatical, problemas de cunho gramatical, pontuação, concordância, normas, aspectos gráficos.
Interativa	Interativo-textual: apresenta uma hibridização das perspectivas normativa e interacional, pois manifesta preocupação com o texto como um todo coeso e coerente, e não apenas com os problemas formais da língua. Ainda, considera a interação entre o leitor e o texto revisado.	Revisão textual da página, coesão, coerência, análise semântica do texto, progressão temática, concordância entre as ideias, texto, leitor.

	Interativo-discursiva: considera os agentes sociais envolvidos no processo comunicativo do texto revisado, assim como percebe a importância da negociação de sentidos entre o revisor e o autor do texto.	Texto como um todo, interação, sentido, negociação, autor, diálogo, gênero.
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise dos dados.

A partir da análise da questão 3, passemos à análise da questão 7 e à comparação das respostas fornecidas às duas questões, a fim de identificar se sujeitos participantes que se enquadram em perfis distintos, além de apresentarem perspectivas distintas sobre a revisão de textos, também apresentam avaliações divergentes sobre a atividade.

5.2 “COMO VOCÊ AVALIA AS CONDIÇÕES E O PRESTÍGIO SOCIAL DO SEU TRABALHO?”

A questão 7²⁵ teve por finalidade verificar de que forma os diferentes sujeitos participantes da pesquisa – com base em suas experiências – acreditam que a sociedade enxerga a atividade de revisão de textos enquanto profissão. Após selecionar uma das opções de avaliação propostas na questão, os sujeitos participantes deveriam justificar o porquê de avaliarem a atividade de revisão desta ou daquela maneira.

A análise dos dados aponta que as avaliações dos sujeitos participantes dizem respeito às suas atitudes em relação ao prestígio ou não da profissão. Tais significados atitudinais surgem quando os sujeitos participantes apreciam o contexto de atuação da prática de revisão de textos e julgam o comportamento dos sujeitos envolvidos na atividade.

No que diz respeito à Apreciação da atividade, ela varia entre positiva – quando associada ao contexto acadêmico – e negativa – quando associada ao contexto midiático. A seguir, apresentamos exemplos de Apreciação positiva:

Exemplo 1:

SP2: (x) Muito Bom. “Porque a procura por este serviço aumentou **significativamente**, inclusive há cursos de pós-graduação da UFSM que exigem [...]. Também temos o *feedback* de nossos clientes, afirmando que o texto ficou **muito melhor, mais claro**”.

²⁵ “Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual? () Excelente () Muito bom () Bom () Regular () Fraco. Por quê?”

Com sua resposta, SP2 sinaliza a Apreciação positiva da atividade de revisão de textos pelo aumento da procura pelo serviço, trazendo como exemplo a exigência de revisão de textos por parte de alguns cursos da UFSM. Dessa forma, SP2 avalia a atividade ao vinculá-la com o contexto acadêmico, o que é reforçado por palavras que se encontram no campo da Gradação, como: “significativamente”, Gradação de Força relacionada a processos; “muito” e “mais”, ambas configurando-se como Gradação de Força por intensificação de qualidade.

Por outro lado, há também a Apreciação negativa da atividade de revisão de textos, a qual se mostra predominante nas avaliações dos nossos sujeitos participantes, como é possível observar nos seguintes exemplos:

Exemplo 2:

SP1: (x) Bom. “O revisor é valorizado no âmbito acadêmico, **mas** em outras esferas o seu prestígio **ainda deixa a desejar**, como é o caso, por exemplo dos jornais que circulam na região central [...] em que a falta de revisão é **evidente**”

SP3: (x) Regular. “O trabalho do revisor é visto como **secundário e sem importância** para a maioria das pessoas. Há um pensamento coletivo de que um texto bem escrito e formatado **não é necessário**, e a maioria das regras de formatação são consideradas **irrelevantes**”.

A resposta fornecida por SP1 aprecia a figura do revisor enquanto profissional. Inicialmente, SP1 aponta os aspectos positivos em relação ao prestígio desse profissional, o que se dá quando é vinculado ao contexto acadêmico. Entretanto, o emprego do termo “mas” sinaliza que ainda há fatores que podem melhorar e insere uma Apreciação negativa da atividade, quando associada ao contexto midiático. Mais uma vez, a realização de Apreciação é reforçada por elementos do campo da Gradação de Foco, mas agora de extensão: “**ainda** deixa a desejar”. Isso significa que, para SP1, embora o prestígio do trabalho do revisor se efetive no âmbito acadêmico, quando é considerado em outros âmbitos ainda não é satisfatório, como, por exemplo, o contexto midiático.

A resposta de SP3, por sua vez, apresenta dois aspectos que merecem atenção: a) por meio das escolhas lexicais “maioria das pessoas” e “pensamento coletivo”, aponta o senso comum sobre a atividade; b) ele traz aspectos que considera importantes no momento da abordagem da revisão, como um texto bem escrito e bem formatado (ver subseção anterior). Isso sinaliza que SP3 vincula a avaliação social da atividade a aspectos que ele considera importantes de serem trabalhados na revisão, sinalizando que as suas escolhas lexicais, como “secundária”, “sem importância” e “irrelevantes” são motivadas por realidades paralinguísticas

e extralinguísticas, o que nos remete, novamente, à categoria de Apreciação. Assim, SP3 apresenta uma Apreciação negativa da atividade de revisão pelo fato de dar importância a aspectos que o senso comum não dá, e sua prática segue indo de encontro ao que interessa à sociedade no que diz respeito à revisão de textos, fator que contribui para que SP3 continue reproduzindo em seu trabalho uma relativa inércia na busca por reconhecimento social da profissão.

No tocante ao Julgamento, ele se dá em relação ao comportamento dos sujeitos envolvidos na atividade, os quais, a partir da análise dos dados, podem ser agrupados em contratantes e revisores. Um dos nossos sujeitos participantes da pesquisa julga apenas o contratante, como podemos ver no exemplo seguinte:

Exemplo 3:

SP7: (x) Muito Bom. “Só não é excelente porque alguns autores, **orgulhosamente**, não reconhecem a melhora na qualidade do texto após a revisão”.

Na visão de SP7, o motivo de a atividade de revisão de textos não receber o devido prestígio social está no fato de alguns autores que contratam os serviços de revisão não reconhecem a sua importância na construção de um texto. Tal Julgamento é linguisticamente expresso pelo lexema “orgulhosamente”, o qual também remete ao campo da Gradação por Força de processos do Sistema de Avaliatividade.

Ainda, nossos dados apresentam o Julgamento em relação aos revisores, o qual se dá por estima social, conforme os excertos a seguir:

SP4: (x) Fraco. “Muitas empresas não possuem um revisor de textos, empresas como jornais, revistas, muitas vezes são os próprios jornalistas que realizam a revisão”.

SP5: (x) Fraco. “Pois o meio de comunicação de mídia ou mesmo algumas empresas, independente de sua área de atuação, em casos que seriam necessário a atuação do revisor **escolhem por dispensá-lo**”.

SP6: (x) Fraco. “Devido ao trabalho de revisão ser realizado por **outros profissionais não totalmente capacitados**”.

Tais respostas, de certa forma, se complementam. Em uma primeira leitura, SP4 e SP5 atribuem a desvalorização social da atividade ao fato de empresas e jornais não contratarem os serviços do revisor. Dessa forma, há um apontamento à falta de oportunidade e de espaço para o revisor de textos no mercado de trabalho. Consequentemente, isso reflete na escolha dos

sujeitos para realizarem a atividade: no caso dos jornais, “muitas vezes, são os próprios jornalistas que realizam a revisão”. De certa forma, esse fato de jornais incumbirem a atividade de revisão a jornalistas (ou a ninguém) pode ajudar a compreender as respostas de SP6: em função de ser essas pessoas que realizem a atividade, sem uma formação que prepare para a realização da atividade, “profissionais não totalmente capacitados”, é possível inferir que seus trabalhos deixem a desejar e, dessa forma, seja reforçada a ideia de que a atuação do revisor é dispensável, pois seus resultados não são satisfatórios. Assim, isso pode ser um fator que leve à falta de contratação de revisores em empresas e jornais, como as respostas de SP4 e SP5 apontam. Um olhar mais aguçado para esses dados, remetem ao Julgamentos por estíma social, pois esses sujeitos participantes acreditam que os jornalistas não apresentam a capacidade necessária para o desenvolvimento da atividade, o que culmina na sua dispensa de contratação. Nós, enquanto pesquisadoras, também acreditamos que tal capacidade não compete jornalista, mas sim ao bacharel em Letras, sendo isso um dos fatores que nos moveu a realizar esta pesquisa.

No Quadro 5, é apresentada a sistematização da análise das avaliações dos sujeitos participantes de pesquisa de acordo com o Sistema de Avaliatividade, mais especificamente, os subsistemas de Atitude:

Quadro 5 – Sistematização das avaliações dentro do Sistema de Avaliatividade – Atitude

APRECIACÃO	JULGAMENTO
Positiva → SP2 (contexto acadêmico)	Contratantes → SP7 (autores orgulhosos)
Negativa → SP1 (contexto midiático) SP3 (senso comum)	Revisores → SP4 (os próprios jornalistas) SP5 (dispensáveis) SP6 (jornalistas são profissionais não totalmente capacitados)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise dos dados.

Os resultados parciais indicam que os participantes que avaliam as condições e o prestígio do trabalho de revisão de textos de acordo com os graus mais inferiores da escala de prestígio (Fraco, Regular, Bom, Muito Bom e Excelente) são os mesmos que apresentam uma perspectiva normativa de revisão de textos e que possuem menos experiência na prática da atividade. Isso corrobora a hipótese de que o tempo de prática influencia a forma que o revisor passa a enxergar a sua atividade, como podemos visualizar no Quadro 6:

Quadro 6 – Panorama geral dos dizeres dos sujeitos participantes

	Formação	Experiência	Perspectiva	Avalia como
SP1	Bacharel em Letras; Revisor de periódico.	Revisor em serviço.	Interativo-textual.	Bom.
SP2	Mestre em Letras; Revisor de editora.	Revisor em serviço.	Interativo-discursiva.	Muito bom.
SP3	Aluno do curso; Bolsista da editora	Revisor em formação com experiência.	Interativo-textual.	Regular.
SP4	Aluno do curso; Aluno da disciplina.	Revisor em formação sem experiência.	Normativa.	Fraco.
SP5	Aluno do curso; Aluno da disciplina.	Revisor em formação sem experiência.	Normativa.	Fraco.
SP6	Aluno do curso; Aluno da disciplina.	Revisor em formação sem experiência.	Normativa.	Fraco.
SP7	Aluno do curso; Aluno da disciplina.	Revisor em formação sem experiência.	Normativa.	Muito bom.

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise dos dados.

Como tratamos no capítulo anterior, a Análise Crítica do Discurso (ACD) reconhece poderes no discurso e por trás do discurso. Este segundo diz respeito a como os participantes se posicionam em relação à atividade que realizam e como a avaliam. Sendo assim, podemos afirmar que o poder no discurso, apontado pelos materiais que versam sobre a revisão de textos, se reproduzem, de modo geral, no comportamento dos nossos sujeitos participantes, uma vez que a maioria deles apresenta uma perspectiva normativa em relação à atividade e a avaliam o prestígio e as condições sociais como fraca. Isso sinaliza sustentação hegemônica de que o revisor de textos é um profissional dispensável dentro do mercado de trabalho.

Com isso, passemos às considerações finais desta pesquisa e ao apontamento de possíveis medidas que podem auxiliar para a busca por reconhecimento social do revisor de textos.

6 CONCLUSÃO

Neste capítulo apresentamos as considerações finais deste trabalho, ou seja, apontamentos para uma (des)construção do discurso dominante sobre a revisão de textos.

Conforme nosso *corpus* aponta, o *Manual do Revisor* (2000) e *Além da Revisão* (2013) se constituem como alicerces para a construção do papel social do revisor de textos, uma vez que são duas obras de grande circulação no mercado editorial, sendo adotadas em cursos de Letras para ministrar disciplinas voltadas à revisão de textos. Isso culmina no fato de que os alunos dos cursos de Letras são instruídos para a atividade de revisão segundo os discursos dessas obras.

Entretanto, é importante atentar para o fato de que Malta e Coelho Neto são sujeitos que não apresentam formação na área de estudos da linguagem, ou seja, em Letras, e são os “protagonistas” do assunto em dimensão nacional. Isso significa dizer que sujeitos sem formação na área são os responsáveis pela construção do senso comum frente à atividade de revisão de textos, o que reflete nos dizeres dos nossos sujeitos participantes de pesquisa no tocante à avaliação social da atividade. Ademais, o lugar que Malta e Coelho Neto assumem nesse universo, sem terem formação na área, sustenta o pensamento hegemônico de que “qualquer um que gosta de português” ou “quem tem facilidade em português” é capacitado para fazer uma revisão de texto. Em relação à possível (des)construção dessa hegemonia, Resende e Ramalho (2016) apontam que

Uma vez que a hegemonia é vista em termos da permanência relativa de articulações entre elementos **sociais, existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos**. Essa possibilidade relaciona-se à **agência humana**. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), **a ação representa um artifício potencial para a superação de relações assimétricas**, desde que o elemento ativo seja subsidiado por uma **reflexividade crítica** (RESENDE e RAMALHO, 2016, p. 44).

A partir disso, retomamos a tese *Um olhar dialógico sobre a revisão de textos* (2007) e nos perguntamos: uma vez que há uma autora estudiosa da linguagem que dedicou anos de estudos à revisão de textos, por que não dar visibilidade a ela, pelo menos nos cursos de Letras? Por que pessoas que não são das Letras podem reforçar a insegurança dos alunos de Letras frente ao mercado de trabalho? Por que não trazer voz de pessoas das Letras (em vez de Comunicação Social, por exemplo), para ampliar o leque de visão dos alunos de forma crítico-reflexiva frente ao mercado de trabalho? Indagações como essas ocorreram ao longo dos dois

anos de Iniciação Científica (IC), e com este trabalho buscamos incitar a afirmação da identidade profissional do revisor de textos dentro do curso de Bacharelado em Letras.

No que diz respeito à afirmação da identidade, Resende e Ramalho (2016) postulam que “é por meio da representação que identidade e diferença ligam-se a sistemas de poder; **questionar identidades e diferenças é, então, questionar os sistemas legitimados** que lhes servem de suporte na atribuição de sentido” (p. 77). Ademais, as autoras, baseadas em Castells (1999), sinalizam as formas de identidade e suas construções existentes nas relações de poder:

*A identidade legitimadora é introduzida por **instituições dominantes** a fim de legitimar sua dominação; a *identidade de resistência* é construída por **atores em situação desprivilegiada na estrutura** de dominação e constitui, portanto, foco de resistência; a *identidade de projeto* é construída quando atores sociais buscam **redefinir sua posição na sociedade e constitui recurso para mudança social** (RESENDE e RAMALHO, 2016, p. 78).*

Nesta pesquisa, identificamos as três formas de identidade na atividade de revisão de textos. Como identidade legitimadora, temos os materiais sobre revisão de textos, pois dos três textos selecionados, dois se apresentam como sustentação dos discursos dominantes para o senso comum dentro da sociedade, o que foi analisado no capítulo 4 deste trabalho. Como identidade de resistência, temos os nossos sujeitos participantes de pesquisa – todos da área de Letras –, pois são eles que se encontram em situação desprivilegiada dentro da estrutura do mercado de trabalho de revisão de textos, o que foi analisado no capítulo 5. Por fim, como identidade de projeto temos esta pesquisa em si, pois com ela buscamos redefinir a nossa posição na sociedade e dentro do mercado de trabalho como revisores de textos, além de buscarmos auxiliar a tomada de consciência crítico-reflexiva por parte dos alunos do curso.

Assim, acreditamos que o investimento na formação a longo prazo auxilia nessa conscientização crítico-reflexiva acerca da profissão, o que faz com que os alunos de Bacharelado em Letras saiam do curso sabendo “se impor melhor” no mercado de trabalho após o término do curso, pois já conhecerão as relações de poder que se estabelecem na prática da atividade. De que maneira isso pode se dar? A resposta para isso carece de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. 2. ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1989.
- _____. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2008.
- FARIA GUILHERME, H. **Manual de revisão**. Fortaleza: Imprensa Universitário do Ceará, 1967.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa, 2010.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação: o que é preciso para saber escrever bem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GOUVEIA, Carlos. Texto e Gramática: uma Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun, p. 13-47, 2009.
- KAPLAN, N. Nuevos desarrollos en el estudio de la evaluación en el lenguaje: la teoría de la valoración. **Boletín de Lingüística**, Caracas, jul-dez, ano/vol. 22, p. 52-78, 2004.
- MALTA, Luiz Roberto S. S. **Manual do Revisor**. São Paulo: WVC Editora, 2000.
- MARTIN, J. R.; MATHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Arnold, 1997.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London: Continuum, 2005.
- MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In.: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.; (Orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 80-106.
- NAVARRO, Federico. Gradación y compromiso en escritura académica estudiantil de humanidades. Análisis contrastivo desde la teoría de la evaluación. **Estudios de Lingüística Aplicada**. Buenos Aires. Año 32, n. 60, dez, p. 9-33, 2014.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Um olhar dialógico sobre a revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres**. 2007. 171 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16265/1/RisoleideRFO.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.
- PINTO, Ildete Oliveira. **O livro: manual de preparação e revisão**. São Paulo: Ática, 1993.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. "Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades de editor de texto e revisor de provas para a produção de livros". In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 2007, Juiz de Fora – MG. **Anais...** Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

RODRIGUES, Daniela Lopes Dias Ignácio. Revisão de textos: entre a teoria e a prática. **Cadernos Cespuc**. Belo Horizonte. n. 26, p. 1 – 8, 2015.

SCHERER, Anelise Scotti. **Engajamento e efeito de monologismo no gênero notícia de popularização científica**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Artes e Letras. 2013.

APÊNDICE 1 – Questionário

Prezado(a) revisor(a), estamos realizando uma pesquisa, vinculada ao projeto “Descrição e análise crítica da atividade do revisor de textos – da correção à interação” (GAP 039427), articulado à linha de pesquisa Linguagem no contexto social, da Universidade Federal de Santa Maria. Com esta pesquisa, objetivamos descrever e analisar o trabalho do revisor na atualidade, dedicando atenção especial ao caráter interativo que pode haver entre o revisor e o autor do texto em questão. Para desenvolvermos a citada pesquisa, solicitamos sua contribuição por meio do preenchimento do questionário que segue:

1 – Formação: () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:
() Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão? Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- () contata o autor ou alguém da área
- () procura respostas por conta própria
- () a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

- () Excelente () Muito bom () Bom () Regular () Fraco. Por quê?

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

APÊNDICE 2 – Quadro de sistematização da Resposta 3

Questão 3	Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão? Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.
P1	“No momento da revisão, considero importante atentar inicialmente para a construção do parágrafo, garantindo a correção da pontuação, da ortografia, da concordância e da regência verbal/nominal; bem como evitando repetições de palavras e de ideias. Em um segundo momento, analiso o texto como um todo, de modo a garantir sua coerência e coesão. Nesse sentido, atento também para a adequação do título e do(s) subtítulo(s) e para o gênero a que o trabalho se propõe”.
P2	“O trabalho de revisão de texto não se atém apenas à correção mecânica gramatical de aspectos ortográficos e sintáticos. É fundamental que o revisor realize uma completa intervenção no texto, a fim de aperfeiçoá-lo. Essa intervenção pode ir desde a modificação de uma palavra até parágrafos inteiros, a fim de que o texto apresente clareza e coerência discursiva. Quanto à minha abordagem no momento da revisão, levo em consideração os aspectos descritos acima, mas também que o texto não é meu, portanto, quando surgem dúvidas em relação ao sentido, ela é esclarecida com o autor. Como trabalho com textos técnicos, também realizo a adequação às normas científicas, como ABNT ou Vancouver, conforme a área”.
P3	“Considero três aspectos fundamentais: a formatação adequada, o texto escrito na norma culta da gramática normativa e a concordância entre as sentenças do texto. Em um primeiro momento, faço uma revisão visual da página, procurando problemas na formatação do texto (normas ABNT). A seguir, faço uma leitura completa da página (ou parágrafo), procurando problemas de cunho gramatical (ortográfico, lexical e de concordância). Por último, faço uma análise semântica do texto, procurando problemas de concordâncias entre as ideias lá estabelecidas”
P4	“Acredito que todos os aspectos são importantes, desde a revisão de ortografia, até a construção gramatical, os aspectos de (não entendi a letra) também são relevantes. Minha abordagem inicia em uma simples leitura e termina quando o texto está claro”.
P5	“Pontuação, concordância verbal, formatação do texto, adequação das normas exigidas, etc”.
P6	“A coesão do texto, a disposição dos argumento e as normas gramaticais”
P7	“Aspectos gráficos, ortográficos, de concordância verbal e nominal, de coesão e coerência são os aspectos e as partes, respectivamente, de abordagem que utilizo”

APÊNDICE 3 – Quadro de sistematização da Resposta 7

Questão 7	Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual? () Excelente () Muito bom () Bom () Regular () Fraco. Por quê?
P1	(x) Bom. “O revisor é valorizado no âmbito acadêmico, mas em outras esferas o seu prestígio ainda deixa a desejar, como é o caso, por exemplo, dos jornais que circulam na região central, alguns bastante conhecidos, em que a falta de revisão é evidente.”
P2	(x) Muito Bom. “Porque a procura por este serviço aumentou significativamente, inclusive há cursos de pós-graduação da UFSM que exigem que a dissertação/tese passe por uma revisão textual. Também temos o <i>feedback</i> de nossos clientes, afirmando que o texto ficou muito melhor, mais claro, uma vez que o autor se concentra no conteúdo, não na sua forma”.
P3	(x) Regular. “O trabalho de revisor é visto como secundário e sem importância para a maioria das pessoas. Há um pensamento coletivo de que um texto bem escrito e formatado não é necessário, e a maioria das regras de formatação são consideradas irrelevantes”.
P4	(x) Fraco. “Muitas empresas não possuem um revisor de texto, empresas como jornais, revistas, muitas vezes são os próprios jornalistas que realizam a revisão. Tem-se como exemplo o <i>Diário de Santa Maria</i> ”.
P5	(x) Fraco. “Pois o meio de comunicação de mídia ou mesmo algumas empresas, independente de sua área de atuação, em casos que seriam necessário a atenção do revisor escolhem por dispensá-lo”.
P6	(x) Fraco. “Devido ao trabalho de revisão ser realizado por outros profissionais não totalmente capacitados”
P7	(x) Muito bom. “Só não é excelente, porque alguns autores, orgulhosamente, não reconhecem a melhora na qualidade do texto após a revisão”.

APÊNDICE 4 – Questionários com as respostas na íntegra

SP1

1 – Formação: (X) Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

(X) Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português

() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão? Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

No momento da revisão, considero importante atentar inicialmente para a construção do parágrafo, garantindo a correção da pontuação, da ortografia, da concordância e da regência verbal/nominal; bem como evitando repetições de palavras e de ideias. Em um segundo momento, analiso o texto como um todo, de modo a garantir sua coerência e coesão. Nesse sentido, atento também para a adequação do título e do(s) subtítulo(s) e para o gênero a que o trabalho se propõe.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Eu prezo pela comunicação com o autor do trabalho, pois acredito que um discurso é amplo de sentidos e as palavras configuram a ideologia, as condições de produção e a tomada de posição do sujeito. Nesse viés, me disponho sempre a adequar minhas sugestões às intenções de quem escreve e, por esse motivo, todas as alterações ficam marcadas pela ferramenta de revisão do Word para que o autor decida como ficará a versão final. Os balões de comentário são essenciais para essa comunicação, por meio deles, eu deixo perguntas, exemplos e sugestões. Outra possibilidade de comunicação é criar um arquivo, geralmente nomeado por mim de “Questões a considerar”, em que eu faço algumas sugestões que considero importantes e que não caberiam nos balões de comentário.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Como uma das responsáveis pela revisão da *Fragmentum*, revista vinculada ao Laboratório Corpus/UFSM, disponho dos materiais de consulta e dos computadores do próprio laboratório para a realização do trabalho. A comunicação com os editores-chefes é sempre bem acessível e o tempo disponível para realização da atividade é sempre adequando à nossa necessidade.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

() contata o autor ou alguém da área

(1) procura respostas por conta própria

(2) a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

() Excelente () Muito bom (X) Bom () Regular () Fraco. Por quê?

O revisor é valorizado no âmbito acadêmico, mas em outras esferas o seu prestígio ainda deixa a desejar, como é o caso, por exemplo, dos jornais que circulam na região central, alguns bastante conhecidos, em que a falta de revisão é evidente.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

É uma bela iniciativa que pode agregar conhecimentos a respeito de nossa atividade. Penso que o revisor de textos precisa ainda conquistar o seu lugar além do “arco” da UFSM, sobretudo o revisor formado pelo curso de Bacharelado em Letras, porque atualmente vejo outros profissionais oferecendo o trabalho de revisão – os jornalistas, por exemplo. Talvez os resultados apontem para a reivindicação de um incentivo maior do próprio curso e/ou da UFSM como um todo, para que os acadêmicos do curso de Bacharelado em Letras tenham a oportunidade de realizar estágios ou outra forma de aperfeiçoamento e possam valorizar o trabalho que desenvolvem.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

O revisor deve ser um bom leitor, dedicando muita atenção ao trabalho em andamento e principalmente sendo um “amigo” do autor, porque a sua atividade não pode constituir uma disputa, mas sim uma negociação em prol de um bom texto.

SP2

1 – Formação: () Graduação () Especialização (x) Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:
() Bacharelado em Letras Português (x) Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão?
Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

O trabalho de revisão de texto não se atém apenas à correção mecânica gramatical de aspectos ortográficos e sintáticos. É fundamental que o revisor realize uma completa intervenção no texto, a fim de aperfeiçoá-lo. Essa intervenção pode ir desde a modificação de uma palavra até parágrafos inteiros, a fim de que o texto apresente **clareza e coerência discursiva**.

Quanto à minha abordagem no momento da revisão, levo em consideração os aspectos descritos acima, mas também que **o texto não é meu**, portanto, quando surgem dúvidas em relação ao sentido, ela é esclarecida com o autor. Como trabalho com textos técnicos, também realizo a adequação às normas científicas, como ABNT ou Vancouver, conforme a área.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Eu realizo as duas formas. Aspectos gramaticais são realizados diretamente. Pergunto ao autor somente esclarecimento quanto ao sentido pretendido, quanto este não está claro, e problemas de referências bibliográficas.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Trabalho em uma editora universitária, onde sou a única revisora e também a responsável pela coordenação editorial, portanto, as minhas tarefas vão além da revisão. Tenho autonomia sobre as minhas decisões e interação com os autores, uma vez que suas opiniões (por exemplo, escolha de capa, formato...) são ouvidas. Após a revisão do texto, ele segue para o setor de diagramação; volta para a revisão verificar aspectos como linhas viúvas e órfãs, ordenação de parágrafos, paginação, cotejo do sumário, qualidade de imagens... até que o texto esteja conforme para seguir para a gráfica. A gráfica envia a prova do livro, e a revisão também é responsável pelo cotejo e verificação. Somente após essas etapas, a prova é liberada para impressão final. Às vezes esse processo se repete.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- (x) contata o autor ou alguém da área
- (x) procura respostas por conta própria
- () a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

- () Excelente (x) Muito bom () Bom () Regular () Fraco. Por quê?

Porque a procura por este serviço aumentou significativamente, inclusive há cursos de pós-graduação da UFSM que exigem que a dissertação/tese passe por uma revisão textual. Também temos o *feedback* de nossos clientes, afirmando que o texto ficou muito melhor, mais claro, uma vez que o autor se concentra no conteúdo, não na sua forma.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

Acho excelente, pois sinto falta de estudos sobre a área. Dessa forma, em 2004, como trabalho final de uma especialização em Língua Portuguesa, realizei um estudo sobre o trabalho de revisão textual.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

Muito conhecimento gramatical, leitura, bom nível cultural e humildade para buscar auxílio quando necessário. Respeitar o estilo autoral, afinal, a revisão é um processo técnico que objetiva garantir a correção, a clareza e a coerência de um texto, e não alterá-lo sem conhecimento de seu autor.

SP3

1 – Formação: (x) Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

(x) Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão?
Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

Considero três aspectos fundamentais: a formatação adequada, o texto escrito na norma culta da gramática normativa e a concordância entre as sentenças do texto.

Em um primeiro momento, faço uma revisão visual da página, procurando problemas na formatação do texto (normas ABNT). A seguir, faço uma leitura completa da página (ou parágrafo), procurando problemas de cunho gramatical (ortográfico, lexical e de concordância). Por último, faço uma análise semântica do texto, procurando problemas de concordâncias entre as ideias lá estabelecidas.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Faço os dois tipos de processo. Caso eu verifique algum erro que, baseando-me no próprio texto, não necessito de consulta ao autor, corrijo-o. Todavia, se algum problema ou ambiguidade é verificado no texto, e há dúvidas sobre a correção, seleciono o trecho em questão e insiro um comentário para que o autor sane o problema. Em todo esse processo utilizo a ferramenta “controlar alterações”, do Word, que permite que o autor veja quais alterações foram feitas no texto. Considero essa última ferramenta a mais ética e prática no meu trabalho.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

A mim são solicitados vários tipos de revisão, desde textos pequenos, de anúncios, até textos grandes, como livros comerciais; a revisão que eu faço é a inicial, sendo passada a um revisor-chefe posteriormente, para que ele confira eventuais problemas na minha revisão e também no texto. Logo após, tratando-se dos livros, o texto vai para o autor para que ele sane eventuais dúvidas. Arrumadas, o texto vai para o processo final de edição.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- (x) contata o autor ou alguém da área
- (x) procura respostas por conta própria
- () a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

() Excelente () Muito bom () Bom (x) Regular () Fraco. Por quê?

O trabalho de revisor é visto como secundário e sem importância para a maioria das pessoas. Há um pensamento coletivo de que um texto bem escrito e formatado não é necessário, e a maioria das regras de formatação são consideradas irrelevantes.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

Para o meio dos revisores, um projeto de pesquisa de vise a estudar todo processo de revisão, propondo algumas soluções para os problemas mais comuns, seria uma mão-na-rodada aos profissionais desse meio, já que o estudo sobre ainda é bastante escasso no Brasil.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

Domínio integral da norma culta da língua que se está revisando; poder de concentração para a verificação de eventuais problemas gramático-semânticos; domínio integral de normas de formatação nacionais (ABNT, Vancouver etc.) e de universidades (em caso de revisão de trabalhos de conclusão); pontualidade.

SP4

1 – Formação: Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão? Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

Acredito que todos os aspectos são importantes, desde a revisão da ortografia, até a construção gramatical, os aspectos de ?? também são relevantes.

Minha abordagem inicia em uma simples leitura e termina quando o texto está claro, coeso.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

A utilização de recursos do programa como o Word, certamente facilita o processo de revisão, mas não dispensa a revisão no papel. Ambos os meios são válidos e dependem da mobilidade do revisor utilizá-los.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Não possuo uma atividade de revisão como profissional, como acadêmico, reviso meus próprios textos, e eventuais trabalhos de familiares. Procuo sempre ler e reler os meus textos, após a escrita me distancio um pouco do texto, para depois realizar a revisão, priorizando sempre a clareza de ideias.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- () contata o autor ou alguém da área
- () procura respostas por conta própria
- () a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

() Excelente () Muito bom () Bom () Regular Fraco. Por quê?

Muitas empresas não possuem um revisor de texto, empresas como jornais, revistas, muitas vezes são os próprios jornalistas que realizam a revisão. Tem-se como exemplo o *Diário de Santa Maria*.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

Me parece, de certa forma, inovador, desconheço outro projeto que atua nessa área, o que contribui o caráter promissor a esse projeto de pesquisa.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

O revisor deve ter paciência, disposição e atenção.

SP5

1 – Formação: (x) Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

(x) Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão?
Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

Pontuação, concordância verbal, formatação do texto, adequação das normas exigidas,
etc

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário,
por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Acredito que o revisor deve sugerir as alterações por meio das ferramentas que tenha
disponível com a interação do autor.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Não tenho muita revisor.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- (x) contata o autor ou alguém da área
- (x) procura respostas por conta própria
- (x) a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o
contexto atual?

() Excelente () Muito bom () Bom () Regular (x) Fraco. Por quê?

Pois o meio de comunicação de mídia ou mesmo algumas empresas, independente de
sua área de atuação, em casos que seriam necessário a atenção do revisor escolhem por
dispensá-lo.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende
estudar o processo de revisão com mais afinco?

Considero a realização de tal projeto muito interessante, pois ajuda a marcar a
importância do papel do revisor em diferentes áreas de atuação, dando um maior destaque.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a
execução de seu trabalho?

Deve ter um bom domínio sobre as normas da Língua Portuguesa; as normas técnicas
de gênero textual a ser corrigido.

SP6

1 – Formação: (x) Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

(x) Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão?
Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

A coesão do texto, a disposição dos argumentos e as normas gramaticais.

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Depende do que se pretende corrigir, mas os balões de comentários são sempre utilizados.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Em casa, com auxílio de livros e internet.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- () contata o autor ou alguém da área
(x) procura respostas por conta própria
() a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

() Excelente () Muito bom () Bom () Regular (x) Fraco. Por quê?

Devido ao trabalho de revisão ser realizado por outros profissionais não totalmente capacitados.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

Muito bom, pois poderá expandir os estudos acerca do trabalho de revisão de textos e a importância deste.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

Domínio das normas da língua portuguesa, domínio da escrita e argumentação, assim como de ferramentas que auxiliam no processo de revisão e diálogo com o autor do texto.

SP7

1 – Formação: Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
() Outra: _____

2 – Área da formação em nível de graduação:

Bacharelado em Letras Português () Licenciatura em Letras Português
() Outra _____

3 – Quais aspectos você considera importantes de serem contemplados em uma revisão?
Descreva a sua abordagem do texto no momento da revisão.

Aspectos gráficos, ortográficos, de concordância verbal e nominal, de coesão e coerência são os aspectos e as partes, respectivamente, de abordagem que utilizo

4 – O revisor sugere as alterações por ferramentas do programa (balões de comentário, por exemplo), ou as realiza diretamente no texto, sem interação com o autor?

Partindo do pressuposto de que o maior responsável pelo texto é o autor desse, é de bom senso dar ao autor a opção de aceitar ou recusar a revisão.

5 – Descreva a sua atividade de revisor de textos em seu ambiente de trabalho:

Primeiramente faço a leitura do texto, corrigindo os erros mais superficiais e, em seguida, detenho a atenção nas passagens mais problemáticas, que, geralmente, referem-se ao conteúdo do texto.

6 - Em caso de dúvidas a respeito da linguagem técnica, você:

- contata o autor ou alguém da área
() procura respostas por conta própria
() a editora/revista contata o profissional

7 – Como você avalia as condições e o prestígio do trabalho do revisor, considerando o contexto atual?

() Excelente Muito bom () Bom () Regular () Fraco. Por quê?

Só não é excelente, porque alguns autores, orgulhosamente, não reconhecem a melhora na qualidade do texto após a revisão.

8 - Qual sua opinião a respeito da realização de um projeto de pesquisa que pretende estudar o processo de revisão com mais afinco?

Gosto da ideia, é um trabalho necessário, uma vez que uma das áreas do profissional de letras é a revisão.

9 - Com base em sua experiência, quais qualidades um revisor de textos deve ter para a execução de seu trabalho?

Atenção, paciência e dedicação devem ser as qualidades de um revisor, além dos conhecimentos de língua.

ANEXO 1 – Aprovação da pesquisa em nome da Plataforma Brasil

Título da Pesquisa: Concepções acerca do trabalho do revisor de textos

Pesquisador Responsável: Francieli Matzenbacher Pinton

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58700416.4.0000.5346

Submetido em: 12/08/2016

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

